



Educação para o Empreendedorismo: capacitação de crianças

Inês Justino Antunes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Inovação Social
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof^a. Doutora Catarina Sales Barbas de Oliveira

outubro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, Inês Justino Antunes, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M11002 de Empreendedorismo e Inovação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 10 /10 /2022

Inês Justino Antunes

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Resumo

A educação para o empreendedorismo é vista como um novo paradigma para a educação, dado que utiliza métodos inovadores para a aquisição de novos conhecimentos. Os alunos são confrontados com a realidade e com situações que necessitam de uma solução, sendo desenvolvidas competências empreendedoras tais como a identificação de oportunidades, a assunção de riscos, a criatividade, a inovação, a autonomia e a resistência ao fracasso.

Esta investigação debruça-se sobre a prática de uma Educação para o Empreendedorismo com crianças. Neste sentido, o objetivo deste estudo é o de analisar a importância que o empreendedorismo assume na capacitação de crianças.

No sentido de alcançar os objetivos inicialmente propostos, a escola escolhida foi a Escola do Conservatório de Música da Covilhã, uma escola que adotou o empreendedorismo como atividade de enriquecimento curricular para alunos do 1º ciclo de escolaridade.

Para obter estas respostas foi utilizada uma metodologia qualitativa, sendo a recolha de dados feita através da observação participante e da realização de entrevistas. Os principais resultados obtidos indicam que os alunos apresentam um elevado grau de interesse, de participação e curiosidade em relação à temática do empreendedorismo, tendo um grande envolvimento nas atividades desenvolvidas. Estas crianças têm a capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos nesta atividade nas restantes disciplinas, tendo a plena noção da importância que estes conteúdos terão ao longo do seu crescimento, não só a nível pessoal como profissional.

Palavras-chave: Educação para o Empreendedorismo; Crianças; Competências Empreendedoras

Abstract

Entrepreneurship education is seen as a new paradigm for education, as it uses innovative methods for acquiring new knowledge. Students are confronted with reality and with situations that need a solution, and entrepreneurial skills are developed, such as identifying opportunities, taking risks, creativity, innovation, autonomy and resistance to failure.

This investigation focuses on the practice of an Education for Entrepreneurship with children. In this sense, the objective of this study is to analyze the importance that entrepreneurship assumes in the empowerment of children.

In order to achieve the objectives initially proposed, the school chosen was the Escola do Conservatório de Música da Covilhã, a school that adopted entrepreneurship as a curriculum enrichment activity for students in the 1st cycle of schooling.

In order to obtain these answers, a qualitative methodology was used, and data collection was carried out through participant observation and interviews. The main results obtained indicate that students show a high degree of interest, participation and curiosity in relation to the subject of entrepreneurship, having a great involvement in the activities developed. These children have the ability to apply the knowledge acquired in this activity in the other subjects, having a full notion of the importance that these contents will have throughout their growth, not only at a personal but professional level.

Keywords: Education for Entrepreneurship; Children; Entrepreneurial Competencies

Índice

Introdução.....	1
Parte I- Enquadramento Teórico.....	4
1. Empreendedorismo	4
1.1. Definição e Contextualização.....	4
1.2. Empreendedorismo em Portugal	8
2. Educação para o Empreendedorismo	10
2.1. Competências Empreendedoras	19
2.2. Papel dos professores no ensino do empreendedorismo	21
2.3. Projetos/Iniciativas de ensino do empreendedorismo	25
2.3.1 Noruega.....	26
2.3.2 Finlândia.....	26
2.3.3. Suécia.....	26
2.3.4. Portugal	27
Parte II- Investigação Empírica.....	29
1. Procedimentos metodológicos	29
1.1. Metodologia de Investigação	29
1.2. Técnicas de pesquisa	30
1.2.1. Observação Participante	31
1.2.2. Entrevista Semiestruturada.....	33
2. Descrição do local de estudo.....	35
Parte III- Apresentação e análise dos dados recolhidos	37
1. Dados recolhidos a partir da observação participante	37
2. Dados recolhidos através das entrevistas.....	42
2.1. Entrevistas aos alunos	42
2.2. Entrevista ao diretor da escola e professor de educação financeira	45
2.3. Entrevistas às professoras de 1º Ciclo	50

3. Discussão dos resultados	52
Considerações Finais	55
Bibliografia.....	57
Apêndices	63
Anexos	86

Lista de Figuras

Figura I- Produtos que estavam para venda no âmbito do Projeto da Troca Circular

Figura II- Cartaz e Barraca da feira do Projeto da Troca Circular

Lista de Tabelas

Tabela I- Modelo de análise

Introdução

A sociedade é cada vez mais caracterizada pelas constantes mudanças e transformações, logo é essencial que os indivíduos estejam preparados para enfrentar os desafios e os problemas colocados pela mesma.

Sendo, a educação um importante instrumento de transformação social, o ensino do empreendedorismo surge como um novo paradigma para a educação. Este modelo aposta numa perspectiva de deixar as *“ideias fluir e aprofundar ideias que até então nem chegavam a ser expressas”* (Ferreira, 2014:22), sendo necessário que se desenvolva o potencial de cada indivíduo, estimulando-o a desenhar o seu próprio caminho. Assim sendo, este tipo de ensino, deve fazer parte do *“processo de desenvolvimento do cidadão, com um início precoce e continuamente ao longo dos vários anos da sua educação”* (Palinhas, 2010:10).

A educação para o empreendedorismo é entendida como uma forma de dinamizar a educação, isto é, um novo paradigma que torna a educação não apenas mais atrativa e atual, mas com capacidade para responder às mudanças e transformações sociais, que exigem um novo modelo escolar para formar indivíduos com o perfil indicado, para que este não apenas se insira no mercado de trabalho, como também criar e desenvolver projetos em prol do bem comum (Coan, 2013).

Este novo método de ensino assume um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e na formação pessoal e profissional dos alunos. Indivíduos com capacidades e conscientes dos seus direitos e deveres contribuem enquanto cidadãos, para a evolução social. O foco não é apenas o de formar novos empreendedores, como também o de formar pessoas que após o seu percurso escolar, desempenhem positivamente o seu papel na sociedade, com a certeza de que as suas escolhas terão impacto em diversos campos de atuação (Ferreira & Miguel, 2020).

O objetivo desta investigação recai sobre a componente da educação para o empreendedorismo na capacitação de crianças, tendo como ponto de partida as seguintes interrogações: serão os programas de educação para empreendedorismo eficazes na capacitação de crianças?; quais as características que o ensino para o empreendedorismo pretende desenvolver nas crianças?; será necessário alterar e/ou adaptar os conteúdos curriculares?.

Deste modo, de forma a complementar as perguntas de partida, surgiram os seguintes objetivos: Perceber de que forma é que o desenvolvimento de uma educação baseada no empreendedorismo pode ter impacto na capacitação de crianças; Entender de que forma é

que o empreendedorismo influencia positivamente a capacitação de crianças e por fim, analisar de que forma é que o empreendedorismo é ensinado às crianças.

Ao nível da metodologia aquela que consideramos enquadrar na temática em estudo, foi a metodologia de base qualitativa, recorrendo à observação participante e à entrevista semiestruturada.

Foi efetuado um estudo de caso numa escola privada, a Escola do Conservatório de Música da Covilhã, dado que apresenta o empreendedorismo como atividade de enriquecimento curricular

No que diz respeito á estrutura, o presente trabalho está dividido em três partes. A primeira parte, o enquadramento teórico, está dividida em dois capítulos, o primeiro capítulo aborda a definição e contextualização do empreendedorismo social, assim como uma breve caracterização desta temática no panorama nacional. O segundo capítulo, denominado de Educação para o empreendedorismo, serão abordados e aprofundados os principais pontos que fundamentam esta investigação: a educação para o empreendedorismo, as competências empreendedoras e o papel dos professores no ensino do empreendedorismo. Assim como os projetos/iniciativas que adotam este método educativo, não só em Portugal como também nos países nórdicos, neste caso na Noruega, Finlândia e Suécia.

A segunda parte debruça-se sobre a investigação empírica, especificamente sobre a abordagem e os procedimentos metodológicos, apresentando as técnicas de pesquisa, utilizadas: a observação participante e a entrevista semiestruturada.

O último capítulo última parte diz respeito à apresentação e análise dos dados recolhidos. São apresentados os dados obtidos através da observação participante e da entrevista semiestruturada, sendo de seguida feita a análise das mesmas. Logo após esta análise, é feita a discussão dos resultados, onde é feita uma reflexão acerca dos resultados obtidos, e são apresentadas a limitações enfrentadas e as questões que poderão vir a ser exploradas em investigações futuras. Termina-se com algumas considerações finais.

Parte I- Enquadramento Teórico

1. Empreendedorismo

1.1. Definição e Contextualização

O mundo tem enfrentado diversas transformações num curto espaço de tempo, surgiram novas invenções que vieram alterar e revolucionar o estilo de vida das pessoas (Dornelas, 2008). A promoção do empreendedorismo é vista como uma condição necessária, dado a situação económica e social que se vive nos dias de hoje (Lamas, 2012).

O empreendedor sempre assumiu um papel importante na sociedade, sendo que, nestes últimos anos este papel tem tido uma maior destaque. Este fenómeno deve-se ao avanço tecnológico, isto é, a economia, os meios de produção e os serviços passaram por uma inovação, tornaram-se mais sofisticados. Logo, o ênfase atribuído ao empreendedorismo encontra-se diretamente relacionado com o avanço tecnológico e com a rapidez com que tudo mudou, e não a uma moda (Dornelas, 2008).

A palavra empreendedorismo é de origem francesa e significa aquele que assume riscos e que começa algo novo. Contudo, não existe uma definição consensual de empreendedorismo, contudo Joseph Schumpeter (Dees, 2001), associa este conceito a “pessoas inovadoras que utilizam a sua criatividade para reformular um setor de atividade, possibilitando, desta forma, um avanço na economia”, isto é, o empreendedor é associado à inovação, à criatividade e à capacidade para assumir riscos (Schumpeter, 1959, cit. In. Lopes, 2013:6), segundo este mesmo autor, os empreendedores são os agentes de mudança na economia (Dees, 2001:2).

De acordo com Jean Baptiste Say (Dees, 2001), o empreendedor é o indivíduo que “movimenta recursos económicos de uma área de baixa produtividade para outra de maior produtividade e rendimentos”, isto é, os empreendedores são os principais responsáveis pela criação de valor, no entanto fundar uma determinada empresa não a verdadeira essência do empreendedorismo (Dees, 2001:2).

A figura do empreendedor surge associada a um indivíduo inovador, criativo e disposto a correr riscos. O empreendedor tem conhecimento acerca dos meios e as técnicas que precisa de utilizar para conseguir alcançar os seus objetivos (Barbosa & Costa, 2015).

Segundo outros autores, os empreendedores não têm como obrigação provocar a mudança, mas sim explorar as oportunidades provocadas por essa mesma mudança, ou seja, o empreendedor “está sempre à procura da mudança, reage à mudança e explora-a

como uma oportunidade” (Dees, 2001:2), é capaz de criar, colocar em prática e incentivar os que o rodeiam com uma atitude de constante desafio e determinação para superar a indiferença (Duarte & Esperança, 2012). Estes estão sempre na procura de novas ideias e com especial atenção em tudo o que os rodeia (Dornelas, 2008).

Ninguém nasce com características empreendedoras, o que define um empreendedor são os seus comportamentos e as suas atitudes (Duarte & Esperança, 2012). O empreendedorismo não se refere apenas à criação de uma empresa ou de um negócio, mas também à capacidade de “transformar ideias em ações, assumir riscos, planear e gerir projetos de forma a concretizar objetivos”, tendo como base a criatividade e a inovação (Mendes, 2007:286), os alunos podem ser empreendedores em qualquer atividade, “sendo músico, poeta, funcionário público, político” (Santos, 2014:28). Cantillon (2002), afirma que os riscos e as incertezas são elementos que fazem parte da vida de todos aqueles que necessitam de trabalhar para viver. Não basta ter talento numa determinada área, é essencial a existência de meios para o exercer (Coan,2013).

Nas mais diversas e possíveis definições para o empreendedorismo, existem certas características que são comuns a todas elas, a primeira é o espírito de iniciativa na criação de um novo negócio e a paixão por aquilo que faz, a segunda faz referência à utilização de forma criativa dos recursos disponíveis para a transformação do ambiente social e económico onde se encontra inserido e por último, o ato de assumir os riscos e a possibilidade de fracassar (Dornelas, 2008).

O empreendedor é descrito como um inovador, como um indivíduo que enfrenta o risco e toma decisões perspicazes (Coan,2013). As inovações implicam uma ruptura das rotinas e das formas de pensar e agir, logo a ação inovadora é responsável pelo sucesso da dinâmica empreendedora (Monteiro, 2019).

O indivíduo que possui um espírito empreendedor, tem iniciativas, é mais autoconfiante, não tem medo de arriscar, logo apresenta um perfil destemido e que fará tudo o que estiver ao seu alcance para não fracassar. Esta postura, permitirá com que este tome decisões responsáveis. O empreendedor é visto como o principal responsável pelo seu destino, sendo capaz de controlar possíveis obstáculos que possam aparecer, aproveitar oportunidades e apresenta uma capacidade de liderança para que consiga obter resultados (Coan, 2013).

Numa perspetiva sociológica, o empreendedor é visto como um indivíduo provido de carisma, que consegue captar a atenção e adesão de outros, podendo assim liderar a mudança e a inovação. Schumpeter e Weber partilham a ideia de que o empreendedor e a atitude empreendedora “não resultam somente de características individuais, excepcionais, mas de um tempo e um contexto que as favorecem” (Monteiro, 2019:4). Os

empreendedores são influenciados pelo meio em que se encontram inseridos, isto , pelo seu círculo de relações sociais, como por exemplo a família e os amigos, assim sendo se este se indivíduo se encontrar inserido num ambiente onde o empreendedorismo é encarado como algo positivo, este terá a motivação necessária para desenvolver o seu projeto, logo o perfil do empreendedor pode variar consoante o lugar ou contexto em que se encontra (Barbosa & Costa, 2015).

Ser criativo e ter ideias criativas não é suficiente, o empreendedor tem de reagir aos obstáculos institucionais que lhe possam ser colocados e mobilizar os valores e os interesses em prol da mudança (Monteiro, 2019).

Os empreendedores não devem apenas delinear planos e implementá-los, estes também têm o dever de observar, analisar e refletir acerca dos resultados, para que possam fazer as alterações necessárias para melhorar o desempenho (Marnoto & Carvalho, 2018).

O nascimento fornece apenas as qualidades que são inatas do indivíduo, e é através da educação e das experiências de vida que este se desenvolve, isto é, a “inteligência e a imaginação do indivíduos podem ser dadas, mas a probabilidade de seu uso é influenciada pelo ambiente” (Rushing, 1990:36). De acordo com Costa & Saraiva (2014), mesmo que o espírito empreendedor não seja considerada uma característica inata do indivíduos, todos podem ser empreendedores, uma vez que estes podem desenvolver capacidades, habilidades e comportamentos. No entanto, nem todos os autores partilham a mesma opinião. O empreendedor também é classificado como um tipo especial de ser humano, deste modo, nem todas as pessoas podem ser consideradas empreendedoras. Estes, fazem a distinção entre pessoas empreendedoras e pessoas não empreendedoras, sendo traçado um perfil do empreendedor.

A perspetiva empreendedora é desenvolvida nos indivíduos, e estes podem utilizar estas habilidade no interior de uma organização com ou sem fins lucrativos, nas empresas e em atividades comerciais (Kuratko, 2003).

Alguns acreditam, que em vez de os indivíduos serem classificados como empreendedores ou não empreendedores, o mais indicado era discutir o grau de empreendedorismo dos indivíduos, isto é, analisar as atitudes empreendedoras do próprio indivíduo (Lavieri, 2010). Weber, também partilha esta mesma ideia, de que existe uma crescida preocupação com a desenho do tipo ideal de empreendedor do que com as práticas (Monteiro, 2019). Nesta mesma linha, William Gartner (1989), no seu artigo “*Who is an entrepreneur? Is the wrong question*”, afirma que as respostas à questão “O que é um empreendedor?”, têm por base os traços e características de personalidade do indivíduo, assim sendo, estas não levam à definição do que é um empreendedor, nem são uma mais valia para entender o fenómeno do empreendedorismo.

Segundo Dornelas (2008), os empreendedores estão a eliminar barreiras comerciais e culturais, a encurtar distâncias, a globalizar e a renovar os conceitos económicos, a criar novas relações de trabalho, a gerar novos empregos, assistindo-se ainda a uma ruptura de paradigmas e gerando riqueza para a sociedade (Dornelas, 2008).

O empreendedor não possui apenas espírito competitivo, também é um indivíduo solidário e com uma especial preocupação para com as questões sociais (Coan, 2013). O conceito de empreendedorismo deve ser encarado como uma capacidade para inovar, desenvolver e aceitar a mudança, não só é responsável pelas próprias ações, como também pela formulação de objetivos e concretização dos mesmos (Chaves, 2009).

De acordo com Coan (2013), o empreendedorismo é encarado como uma “obrigação”, os defensores do empreendedorismo afirmam que as novas gerações têm de ter um outro tipo de formação, é fundamental que os trabalhadores tenham novas competências e habilidades. Já outros defendem que o trabalhador necessita de descobrir as suas próprias características empreendedoras, e trabalhar para encontrar a solução para a resolução de um determinado problema.

A prática socialmente empreendedora difundiu-se no decorrer dos anos 70 e 80, despertando nos governos e a nível académico, um forte interesse. O empreendedorismo social é conceito com diversas interpretações e falar no termo agente da mudança social é o mesmo que falar em empreendedor social (Morgado, 2013). O empreendedor social e as políticas públicas deram ao empreendedorismo um novo significado nos diversos setores da sociedade (Lavieri, 2010).

Os empreendedores sociais já existem à muito tempo, só ainda não tinham sido apelidados dessa forma. Ao termo empreendedorismo social, estão associados os elementos sem fins lucrativos conjugados com elementos com fins lucrativos. No entanto, as organizações sem fins lucrativos não são todas empreendedoras, inovadoras e voltadas para a mudança (Morgado, 2013).

De acordo com Hoogendoorn et al. (2010) a evolução do empreendedorismo social prende-se com o desenvolvimento de problemas que necessitam de uma nova abordagem, ou seja, uma abordagem inovadora para que se consiga solucionar esse problema; o desenvolvimento gera novas oportunidades para a resolução de problemas (Morgado, 2013). Estes problemas têm a ver com a crescente desigualdade na distribuição da riqueza, o aumento da preocupação com o meio ambiente, a diminuição do financiamento por parte das entidades governadoras e a necessidade das instituições sem fins lucrativas e do sector social em geral, serem eficientes e eficazes.

A crescente concentração de riqueza no setor privado fez com que o empreendedorismo fosse socialmente responsável, dado que este oferece respostas aos problemas sociais e os cidadãos reconhecem que a mudança é urgente (Morgado, 2013).

O empreendedorismo social é encarado como um novo segmento que permite o desenvolvimento sustentável e uma distribuição mais equilibrada da riqueza. De acordo com alguns autores, o empreendedorismo social é visto como uma nova faceta do terceiro setor ou até mesmo o quarto setor. Já não é uma questão de assistência ou caridade, mas sim do empenho em providenciar mudanças na qualidade de vida das pessoas socialmente carentes. O empreendedorismo social como fonte da mudança social, é visto como uma via estratégica e coerente na inserção e reinserção profissional.

As universidades têm desempenhado um papel relevante na dinamização desta área em Portugal, não só a nível de ensino como também no campo da investigação, de forma a que os alunos influenciem a sociedade, sendo um dos objetivos do empreendedorismo social o envolvimento das comunidades em atividades que melhorem o seu bem estar (Morgado, 2013).

No entanto, também existem entraves que não permitem a aplicação destas mesmas atividades, entre eles, a forte dependência do financiamento público, o terceiro setor é fortemente influenciado pelas instituições de cariz religioso, a necessidade de formação e profissionalização das organizações que se encontram inseridas no terceiro setor e por fim, o fraco dinamismo dos cidadãos e da ação coletiva (Morgado, 2013). No contexto português, o empreendedorismo é um campo que ainda precisa de evoluir.

1.2. Empreendedorismo em Portugal

Tem-se assistido, nos últimos anos em Portugal, ao desenvolvimento de ações que promovem o empreendedorismo (Silva e Monteiro, 2014).

Um dos projetos que permite avaliar as dinâmicas empreendedoras é o Projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), é considerado o maior estudo contínuo, a nível global, trata-se de uma avaliação periódica não só das atividades, atitudes e aspirações empreendedoras, como também dos entraves que promovem ou limitam as dinâmicas empreendedoras (Proença & Parreira, 2018).

Assim sendo os objetivos do GEM passam por identificar os fatores que determinam os níveis de atividade empreendedora em cada país, especificar as políticas que fomentam a atividade empreendedora e avaliar as diferenças existentes ao nível da atividade empreendedora consoante os vários países (Proença & Parreira, 2018).

No que concerne a Portugal, o último relatório publicado diz respeito ao ano de 2019/2020, coordenado pela Sociedade Portuguesa de Inovação e pela Universidade de Évora.

Os principais resultados são apresentados de acordo com três componentes de análise, a primeira é a atividade empreendedora, a segunda faz referência às atitudes, percepções e aspirações empreendedores e por último o investimento informal do empreendedorismo.

Neste sentido, o relatório GEM 2019/2020, salienta que a atividade empreendedora em Portugal, tem evoluído positivamente, constituindo um factor essencial no desenvolvimento da atividade económica do país, com uma especial contribuição para a criação de uma cultura empresarial, tendo como consequência a criação de mais emprego e investimento (GEM Portugal 2019/2020).

Em 2019, Portugal registou uma taxa de atividade empreendedora de 12,9%, isto é, existiam cerca de 13 empreendedores com cada 100 indivíduos em idade adulta, posicionando-se no 20º lugar do ranking de países empreendedores com um alto rendimento económico, sendo que em 2016 ocupava o 44º lugar. Este crescimento associado à atividade empreendedora, encontra-se relacionado com o aumento do número de start-ups e iniciativas de apoio ao empreendedorismo.

Um dos factores que caracteriza Portugal e que favorece a promoção do empreendedorismo é o acesso a infraestruturas físicas, isto é, a existência de incubadoras ou instituições que apoiam a atividade empreendedora, infraestruturas comerciais e profissionais e o apoio financeiro. No entanto, as condições estruturais menos favoráveis dizem respeito à educação e formação, às normas sociais e culturais e as políticas governamentais, dado que Portugal é um país com excesso de burocracia e carga fiscal (GEM Portugal 2019/2020). É essencial que estas políticas sejam revistas que se adaptem à realidade dos mercados, para que Portugal se encontre numa posição mais competitiva (Castro, 2021).

O risco de insucesso e o medo de falhar ou não ser bem sucedido na atividade empreendedores prevalece na população portuguesa, constituindo um dos entraves ao crescimento da atividade empreendedora (Castro, 2021), uma vez que esta é uma atitude que tem sido transmitida entre gerações (Lama, 2012). A cultura portuguesa encontra-se pouco orientada para a dinamização do empreendedorismo (Castro, 2021).

Este projeto analisa também o grau de incorporação de conteúdos relacionados com o empreendedorismo nos diversos níveis de ensino, e o impacto da educação e da formação na atividade empreendedora.

Em Portugal, a educação e a formação é considerada uma condição estrutural que limita a empreendedorismo apresentando uma classificação média mais baixa. No entanto, o caso português apresenta uma relação positiva entre a educação para o empreendedorismo e indícios de que os indivíduos que tiveram contacto com este tipo de educação, são bem sucedidos na “identificação de oportunidade e mais propensos a iniciar um negócio” (Proença & Parreira, 2018:85).

Portugal é também um país que se encontra bem posicionado na transmissão de conhecimentos relacionados com o empreendedorismo, contudo, é essencial que se continue a investir na criação de condições estruturais favoráveis para a dinamização da atividade empreendedora (Proença & Parreira, 2018).

As atividades de educação, ensino e formação vocacionadas para o empreendedorismo, têm como principal objetivo o de expandir a oferta ao nível do empreendedorismo (Brandão et. al., 2018).

No geral, o projeto GEM enfatiza a importância da educação e da formação empreendedora, uma vez que a educação da população é essencial para o desenvolvimento de um determinado território, sendo assim recomendável que se aprofunde os conteúdos empreendedores nos diversos graus de ensino, para que estes adquiram as competências necessárias para a dinamização do empreendedorismo (Mogollón, R., et al. 2015).

Em Portugal, o sistema educacional não se encontra preparado ainda para a dinamizar o empreendedorismo (Mendes, 2007), há uma ausência de experiência por parte dos professores e o sistema de ensino não apresenta os conteúdos e instrumentos adequados que estimulem o empreendedorismo nos diversos graus de ensino (Lamas, 2012).

2. Educação para o Empreendedorismo

Atualmente, há a necessidade de inculcar nas pessoas o espírito empreendedor, principalmente através da educação. A educação para o empreendedorismo ganhou um maior destaque nos anos 90, com o intuito de combater o desemprego que assolava principalmente os jovens. As habilitações literárias não garantem um emprego ou uma colocação profissional, os jovens que procuram o primeiro emprego, são confrontados com um desemprego massivo, e quando encontram uma oferta, não têm as competências necessárias para ocupar o cargo, principalmente o requisito da experiência (Coan, 2013).

A sociedade está em constante mudança, tendo-se assim assistido a uma transformação das suas exigências (Mendes, 2007), que requerem um novo posicionamento da escola

(Coan, 2013). Uma destas mudanças diz respeito ao crescente interesse pelo conhecimento. Portanto, ao nível da educação estas transformações também são visíveis, devido à contínua interação com a sociedade (Mendes, 2007). Esta nova geração é a geração mais empreendedora, daí o crescente aumento da informação na área da educação para o empreendedorismo (Kuratko, 2003).

Antes de mais, a “educação para o empreendedorismo deve ser em primeiro lugar, como a própria designação indica, educação” (Mendes, 2007:288). De acordo com Lavieri (2010), a educação é um dos factores mais importantes para o ser humano, dado que esta é a forma pela qual o homem se faz homem, sendo considerando um processo de transmissão cultural e estrutural do ser humano (Ferreira & Miguel, 2020).

A educação assume um papel importante na formação de competências e atitudes para a dinamização da cultura empreendedora e do espírito empreendedor (Lamas, 2012). Esta é uma metodologia que defende o ideal de uma educação ampla, voltada para uma formação completa dentro dos parâmetros e exigências do mundo contemporâneo, é nesta perspectiva que o ato de educar ultrapassa o conceito de conceder apenas conhecimento (Ferreira & Miguel, 2020).

A educação e a cultura exercem o seu poder na dinamização do empreendedorismo, isto é, a educação irá fazer com que o espírito empreendedor seja difundido, fazendo com que haja mais empreendedores, contribuindo para o aumento da cultura empreendedora na sociedade. A exposição a uma cultura empreendedora e a uma educação que enfatize o espírito empreendedor, irá contribuir para o aumento de pessoas empreendedoras (Santos, 2014).

A educação para o empreendedorismo não é apenas uma temática educativa, mas sim uma metodologia que se vai moldando e adaptando, tendo como consequência a alteração dos currículos escolares, com o intuito de revolucionar e transformar as práticas educativas existentes. Tem como função alterar os aspectos educacionais, para a construção de um modelo que seja capaz de promover e difundir metodologias que proporcionem aos alunos os recursos necessários para que não se desenvolvam apenas intelectualmente, como também sejam capazes de desenvolver “habilidades, técnicas, capacidades cognitivas e afetivas que impactem de forma direta na construção de um indivíduo de sucesso”, para que possam desenvolver de forma inovadora as suas capacidade, bem como a aquisição de meios para dominar e usar de forma inteligente todos os conhecimentos adquiridos (Ferreira & Miguel, 2020:340).

O empreendedorismo caracteriza-se por ser uma aprendizagem realizada ao longo da vida, desta forma a melhor maneira de aprender é “combinar experiências de vida com atividades educativas formais” (Mendes, 2007:288), desta forma existe uma relação entre

o mundo real e o ensino (Lavieri, 2010). Dito isto, o propósito de uma educação voltada para o empreendedorismo, seria o de fortalecer os valores empreendedores na sociedade, consolidar a capacidade individual e colectiva de gerar valores para a comunidade, de inovar, dinamizar a autonomia e procurar a sustentabilidade (Coan, 2013). Encontra-se cada vez mais presente a ideia de que o empreendedorismo pode ser ensinado e compreendido por qualquer pessoa (Dornelas, 2008).

Segundo Ferreira & Miguel (2020), uma das primeiras vantagens encontradas na aplicação de uma educação voltada para o empreendedorismo prende-se com a questão de colocar o aluno numa constante reflexão acerca das suas atitudes e ações, fornecendo o suporte necessário para a execução das suas metas.

Outra vantagem diz respeito ao processo de formação, isto é, são utilizadas metodologias de carácter coletivo e inovador. É uma metodologia que auxilia o aluno na compreensão do mundo e da sociedade em que se encontra inserido, refletindo sobre tudo o que o rodeia, não se contentando com qualquer resposta ou desistir perante o primeiro erro.

O ensino do empreendedorismo é encarado como um elemento que promove e facilita a dinamização da inovação e da criatividade, assim como o fortalecimento do crescimento e desenvolvimento quer a nível social, cultural e económico (Gomes et. al., 2018).

O ensino do empreendedorismo tem como base fatores motivacionais e habilidades comportamentais e não conteúdos instrumentais (Lavieri, 2010), consegue interligar a teoria dada em contexto de sala de aula com a prática desenvolvida pelas instituições, nas mais diversas áreas de atuação com o intuito de estimular a inovação, a criatividade e provocar nos alunos uma certa inquietação (Ferreira & Miguel, 2020).

A concepção de novas ideias e a aquisição de competências para a concretização das mesmas, constitui um dos pilares da educação para o empreendedorismo. As abordagens emancipatórias que caracterizam este método de ensino, evidenciam a relevância social e pedagógica que a educação para o empreendedorismo tem na sociedade (Lindner, 2018). Drucker (1985), afirma que o empreendedorismo é uma disciplina e por essa razão deve ser aprendida, através de um processo de aprendizagem que envolve a criatividade, a inovação e o aproveitamento de oportunidades (Lavieri, 2010). É uma metodologia que promove e fortalece a relação dos alunos não só com a escola como também com a comunidade, contribuindo assim para uma maior coesão social (Santos, 2014).

A educação para o empreendedorismo deve focar-se no desenvolvimento da inovação, na imaginação, no acto de assumir o risco e resolver problemas, ou seja, são todas as competências necessárias para a tomada de decisões. Todas estas competências podem ser

desenvolvidas através de programas, onde os alunos são confrontados com situações que exijam uma solução (Rushing, 1990).

A educação precisa de transmitir conhecimentos acerca do pensamento crítico e da busca de soluções para problemas que não foram resolvidos anteriormente, os alunos devem ser confrontados com a realidade. Estes exemplos práticos, despertam nos alunos a atenção necessária para as oportunidades, fazendo com que estes, quando se deparem com este tipo de problemas saibam agir e delimitar o que é possível e o que é realizável (Brandão et. al., 2018). O sucesso deve ser encarado como uma condição positiva, e o fracasso como uma condição temporária, na qual os alunos têm de adquirir conhecimentos para conseguir sucesso no futuro (Rushing, 1990).

A educação para o empreendedorismo deve “potenciar o desenvolvimento das capacidades cognitivas exigidas para a identificação de oportunidades de trabalho” (Brandão, et. al., 2018:19). Este é um método que se distancia das diretrizes do ensino tradicional, é um processo que centra a sua atividade no próprio aluno, é um método que mais a prática e a contextualização do mundo real, preparado assim os alunos para o mundo real, fornecendo as bases necessárias para que estas possam lidar com problemas que a sociedade enfrenta (Lavieri, 2010).

As instituições de ensino desempenham “um papel relevante na educação para o empreendedorismo promovendo o desenvolvimento de competências e de metodologias que permitam que os estudantes se tornem mais empreendedores, ao mesmo tempo que se inculca uma cultura mais empreendedora a nível organizacional” (Costa & Carvalho, 2011:106).

A escola apresenta uma dinâmica ambivalente, ou seja, é responsável por “desenvolver os aspetos de formação básica e da consciência social e moral das crianças (substituindo a família); e proceder à educação formal que tradicionalmente lhe compete” (Teixeira, 2012:38).

Todas as escolas são diferentes, cada uma possui características que as distiguem umas das outras. Apesar de apresentarem as mesmas normas, o mesmo calendário escolar e o mesmo currículo, cada escola tem a sua identidade, a sua cultura e o seu ambiente escolar, isto é, “cada escola cria uma personalidade única” como resultado das vivências, dos seus alunos e das suas metas e objetivos (Santos,2014:34).

Para que o processo de aprendizagem seja eficaz é fundamental que exista uma permanente colaboração com as instituições de ensino, para que o aluno esteja motivado, tirando o maior proveito do seu potencial (Ferreira & Miguel, 2020). É essencial que haja uma grande abertura não só por parte da escola, como também dos órgãos de gestão, dos

alunos e dos professores (Santos, 2014). O aluno tem de ter a noção de que o trabalho que está a ser desenvolvido por parte dos professores terá impacto no seu futuro, tanto a nível pessoal como profissional (Ferreira & Miguel, 2020). Este é um método que utiliza a tecnologia mais adequada e apropriada para a realização das atividades educativas, o que faz com que haja um melhor aproveitamento tanto das técnicas tradicionais como das modernas (Lavieri, 2010).

A educação para o empreendedorismo é considerada por diversos autores como uma “ciência” e como uma “arte”. Uma ciência, dado que esta ensina as competências necessárias para produzir a mudança, e uma arte porque é desenvolvida a criatividade, ou seja, a implementação deste método de ensino não torna nenhum indivíduo empreendedor, esta oferece sim, os instrumentos necessários para que alguém se torne um empreendedor (Jack & Anderson, 1999). Tem como principais objetivos o de incentivar, sensibilizar, potenciar e integrar, com o intuito de desenvolver não só no aluno/a, como também nas atividades e disciplinas, o espírito empreendedor. É um método de ensino “transversal para a vida, centrado na ação, focalizado no processo e nos resultados, é coerente e constante, integrado multidisciplinarmente, contextualizado e auto-construído pelos/as alunos/as” (DGIDC, 2006:19), ou seja, são adquiridas competências transversais, para que estas possam ser aplicadas quer para proveito próprio, assim como em prol da comunidade (Bogard, 1997).

A metodologia empreendedora não se torna cansativa, utiliza métodos que fazem com que as aulas sejam mais atrativas e interativas, onde os alunos adquirem novos conhecimentos através da teoria e da prática, fazendo com haja um amadurecimento por partes dos alunos, desenvolvendo assim novas habilidades e novas competências (Ferreira & Miguel, 2020). Deste modo, a metodologia mais utilizada no ensino do empreendedorismo é a designada metodologia do aprender-fazendo, uma prática inovadora que permite que o aluno desenvolva as suas capacidades empreendedoras, de modo a que se conheçam as necessidades e dificuldades dos alunos, para que estas sejam trabalhadas, com o objetivo de melhorar os seus resultados (Teixeira, 2012:39).

Os alunos são confrontados com situações que os forcem a pensar de uma maneira diferente em busca de alternativas, ou seja, os alunos aprendem com a experiência e com o processo até alcançarem essas soluções. Para além da metodologia do aprender-fazendo, considerada uma aprendizagem feita através da ação, existem outros tipos de aprendizagem, a aprendizagem contextual, que consiste na construção de significados a partir da interação social e da experiência, a aprendizagem centrada nos problemas e por fim, a aprendizagem cooperativa, isto é, trabalhar com grupos heterogêneos para que os alunos desenvolvam a comunicação, o trabalho de equipa e seja promovido o espírito de

liderança (Lavieri, 2010). É adotado um linguagem simples e clara, para que os conteúdos possam ser facilmente compreendidos (Ferreira & Miguel, 2020).

As atividades desenvolvidas no âmbito do empreendedorismo em contexto de sala de aula, podem ir desde a realização de eventos, como por exemplo dias dedicados a projetos que envolvam o empreendedorismo, até jogos temático para que os alunos possam estar em contacto com os conteúdos lecionados na disciplina (Ferreira & Miguel, 2020), assim como explorar a tecnologia (Marnoto & Carvalho, 2018). A tecnologia pode ser encarada como uma abordagem inovadora para o ensino do empreendedorismo (Kuratko, 2003).

Esta nova modalidade de ensino por ser integrada em todos os níveis de ensino, desde o ensino básico até ao ensino superior (Teixeira, 2012). Os alunos á medida que vão avançando nos diferentes níveis de escolaridade, vão aumentando o seu nível de conhecimento. A educação para o empreendedorismo engloba o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e qualidades pessoais que se adaptam à idade e ao desenvolvimento de cada aluno, isto é, os objetivos variam consoante a idade (Lavieri, 2010).

No ensino básico, o ensino para o empreendedorismo tende em focar-se na promoção das qualidades pessoais dos alunos, como por exemplo a criatividade, o espírito de iniciativa e a autonomia, estes contribuem para o desenvolvimento das suas capacidades empreendedoras, que serão futuramente necessárias quer na sua vida pessoal, quer na sua carreira profissional (Teixeira, 2012). Neste nível de ensino, os objetivos de aprendizagem encontram-se inseridos nas matérias obrigatórias, o mesmo não acontece no ensino secundário, a educação para o empreendedorismo encontra-se integrada nas temáticas opcionais nos planos curriculares (Brandão et.al., 2018).

A infância é um dos períodos mais importantes para desenvolver estas competências, dado que é nesta idade que as crianças têm uma maior capacidade de aprendizagem. As crianças, por si só, já são muito criativas, portanto para desenvolver o espírito empreendedor nas crianças, deve-se deixar a criatividade fluir e não limitá-las (Marnoto & Carvalho, 2018).

Bastos et al (2006), entende que o empreendedorismo no ensino básico, é importante para provocar nas crianças e jovens novos comportamentos (Coan, 2013). Começar mais cedo, significa ter mais chances para desenvolver as competências que farão com que os alunos estejam preparados para a sociedade (Lavieri, 2010), tais como a curiosidade, a imaginação e a motivação necessária para a busca por novos conhecimentos. É nesta faixa etária, que a educação para o empreendedorismo deve dizimar os obstáculos que tendem a diminuir a autoconfiança e o espírito de iniciativa (Marnoto & Carvalho, 2018).

Especialistas em educação infantil afirmam que o estímulo de hábitos, posturas e atitudes empreendedoras é uma mais valia para a formação das crianças, são formas autónomas e ativas de aprendizagem. O foco é o desenvolvimento das qualidades e competências pessoais, que lhes será útil quando no futuro integrarem o mercado de trabalho, assim como na sua vida pessoal (Lavieri, 2010).

No ensino secundário, o ensino para o empreendedorismo assume uma outra função, apesar da promoção das qualidades pessoais continuar a ser feita, a sensibilização dos alunos para o autoemprego como uma carreira a seguir no futuro, obtém um maior ênfase (Teixeira, 2012).

No ensino superior, as primeiras universidades a implementar o ensino para o empreendedorismo, foram as universidades americanas (Volkman, 2004). Pereira (2001), refere que os jovens universitários precisam de ser formados segundo uma nova mentalidade para atender e se adaptarem às mudanças da sociedade atual (Coan, 2013), assumindo assim papel fundamental no desenvolvimento da atividade empreendedora (Redford, 2013).

Em Portugal, o programa que obteve um maior destaque no ensino superior foi o programa *Poliempreende*, que teve o seu início no Instituto Politécnico de Castelo Branco, sendo depois alargado ao Instituto Politécnico da Guarda e de Viseu (Gonçalves, 2009), visa a “promoção do espírito empreendedor nas comunidades académicas através da realização de oficinas de empreendedorismo, de concursos de ideias de negócio e da apresentação de planos de negócio” (Parreira, Pereira & Brito, 2011:27).

Segundo Relatório Eurydice (2016), este método de ensino pode ser integrado nos currículos escolares segundo três abordagens. A primeira, é a abordagem transversal, na qual o empreendedorismo é lecionado em diferentes disciplinas, ou melhor dizendo como um suplemento no plano curricular. A segunda abordagem é a do empreendedorismo ser lecionado como uma disciplina autónoma obrigatória, totalmente inserida no plano curricular, e por fim a última abordagem é a do ensino para o empreendedorismo ser lecionada como uma disciplina de carácter opcional, como atividade extracurricular. A União Europeia afirma que o empreendedorismo deveria ser incluída nas escolas apenas como uma atividade extracurricular (Lavieri, 2010).

Em Portugal a abordagem utilizada é a de carácter transversal (Relatório Eurydice, 2016), que “vai para além da inclusão de unidades curriculares nos cursos”, engloba programas e iniciativas curriculares e extracurriculares, envolvendo não só os alunos, como também os docentes e todo o meio envolvente (Costa & Carvalho, 2011:109).

De acordo com a Comissão Nacional de Educação, o empreendedorismo é visto como um preparação para a sociedade de risco, isto é, a “escola deve exercer uma acção pedagógica para apresentar o risco não só como indicador da probabilidade de alguma coisa correr mal, mas também como indicador de sucesso em empreendimentos e iniciativas pessoais” (Teixeira, 2012:46), educar “não é fabricar adultos segundo um modelo, mas libertar em cada homem o que o impede de ser ele próprio, permitir-lhe realizar-se segundo o seu génio singular” (Oliver Reboul 1989, cit. In Teixeira, 2012:46). Para que tudo isto aconteça é fundamental que se crie um ambiente favorável onde os alunos se possam desenvolver de forma autónoma (Dolabela, 2018). O desenvolvimento dos indivíduos não é um processo mecânico, “mas sim um processo orgânico e que não se pode rever o resultado do desenvolvimento humano” (Robinson, 2010, cit. In Teixeira, 2012:47)..

A Comissão Europeia refere que a educação para o empreendedorismo constitui um aspecto essencial para o “desenvolvimento sustentável das sociedades atuais e, como tal, um tema geral e transversal para o desenvolvimento dos cidadãos” (Pinho et al, 2019:34).

No contexto escolar, são estimuladas diversas formas ativas de aprendizagem e providencia o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida (Pinho et al, 2019). Segundo Wu & Chen (2019), este método de ensino tende em apoiar o indivíduo na construção de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, tendo como ponto de partida a observação, reflexão e questionamento acerca da realidade, necessidade e interesse da sociedade.

Fernando Dolabela, professor e um dos principais escritores na área da educação para o empreendedorismo, refere que o mais importante não é o conteúdo, mas sim ensinar os futuros empreendedores a empreender (Lavieri, 2010). O principal objetivo é o de formar indivíduos preparados para atingir o sucesso (Dolabela, 2008). Este mesmo autor, apresenta o ciclo de aprendizagem empreendedora. Este ciclo é composto por cinco pontos essenciais, o primeiro é quando o indivíduo desenvolve um sonho, isto é, um projeto futuro que tenciona implementar ou que ambiciona alcançar, o segundo parte que compõe este ciclo é a análise desse sonho, o terceiro ponto aborda o planeamento, o quarto consiste na procura de formas e recursos para a concretização desse objetivo, e por fim, o início do processo empreendedor, motivando os alunos sobre as atitudes, desejos e sonhos de forma a torná-los possíveis (Ferreira & Miguel, 2020).

Atualmente, o foco do ensino do empreendedorismo não se encontra apenas relacionado com o ambiente empresarial, começa a surgir a ideia de que o empreendedorismo é a resposta para os processos de globalização e para o crescimento acelerado das economias das grandes potências mundiais (Lavieri, 2010).

No entanto, nem tudo é positivo na implementação deste método inovador no meio escolar. Uma das críticas que é feita reside no facto de que o empreendedorismo se

encontra relacionado com os princípios que regem uma sociedade capitalista, isto é, ajustar os indivíduos em prol da sociedade, a ideia de empreender é encarado como sinónimo de produção e distribuição de riqueza. O empreendedorismo é entendido como uma atitude egoísta para alcançar o bem comum, e que as propostas são idealistas. A individualização das iniciativas, não explica a realidade, é transmitida a ideia de que um indivíduo se tiver algum sonho pode concretizá-lo (Coan, 2013).

Segundo o relatório da Conferência de Oslo em 2006, existe uma falta de cultura de avaliação acerca do impacto das iniciativas da educação empreendedora, acrescentando ainda, que a avaliação do impacto deste método educativo é difícil de quantificar, dado que é um trabalho que é desenvolvido a longo prazo (Lavieri, 2010).

Para além da dificuldade na integração do empreendedorismo no sistema de ensino, as necessidades da sociedade de hoje, apelam a uma mudança por parte da população em geral e uma transformação por parte dos sistemas de ensino em particular, assim sendo, é “importante combater a cultura de penalização do erro e a escolaridade de massas e ter presente o constante risco e incerteza social, bem como a necessidade de existir um ambiente favorável à promoção do empreendedorismo“ (Teixeira, 2012:44)

Uma outra crítica diz respeito ao posicionamento do empreendedorismo como instrumento de combate ao desemprego juvenil. Esta crítica assenta no pressuposto de que a formação de empreendedores através de programas que dinamizam o empreendedorismo, procura apenas gerar consenso de que é possível criar outras alternativas no meio laboral e assim, promover a inclusão das pessoas no mercado de trabalho. Esta ideia que é vista como uma ideia inovadora, segundo os crítico, é uma ideia conservadora para que os indivíduos se adaptem à sociedade (Coan, 2013).

Segundo Souza (2009), a educação para o empreendedorismo aproxima-se da alienação, dado que, o objetivo é fazer com o indivíduo se adapte à sociedade capitalista com o intuito de equilibrar os conflitos existentes entre o capital e o trabalho (Coan, 2013).

Um outro entrave prende-se com o facto de existir um escasso número de professores formados, habilitados e com as competências necessárias para ensinar empreendedorismo. Uma das estratégias para combater esta falta de recursos humanos é colocar empreendedores “reais” em contexto de sala de aula (Redford, 2013).

Em suma, a ideologia dotada pela educação para o empreendedorismo não procura apenas a integração dos indivíduos no mercado de trabalho, como também a formação de indivíduos que se destaquem nas diversas áreas de atuação na sociedade através das suas capacidades empreendedoras, criando assim um ambiente propício à inclusão. É consciencializar os alunos da sua importância enquanto seres sociais, capazes de

transformar, com pequenas atitudes, o meio em que se encontram inseridos. (Ferreira & Miguel, 2020).

2.1.Competências Empreendedoras

Numa perspetiva mais abrangente, o empreendedorismo não se refere apenas à criação de um negócio, à obtenção de lucros ou à exploração de novos mercados, isto é, as competências empreendedoras vão muito mais além das funções empresariais (Alves et. al. 2018).

De acordo com o Guião de Educação para o Empreendedorismo, elaborado pelo Ministério de Educação e pela Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, as competências representam “comportamentos, conhecimentos, atitudes que o sujeito usa para desenvolver uma dada atividade com sucesso” (DGIDC, 2006).

O empreendedorismo engloba diversas dimensões sejam elas de carácter social, cultural, ambiental e económico. Os elementos que se encontram na base das competências empreendedoras são a criatividade, a autoconfiança, a eficácia, a identificação de oportunidades, o poder de decisão, a inovação, o espírito de liderança, a comunicação, a responsabilidade, autonomia e trabalho de equipa (Alves, et. al., 2018).

As competências têm ocupado um lugar de destaque no contexto escolar. O termo competência na escola apela à mudança do “epicentro da aprendizagem para o aluno”, ou seja, o aluno deve ser o centro e não a matéria que irá ser lecionada (Chaves, 2009:32). Uma outra mudança diz respeito à aprendizagem, isto é, passagem de uma aprendizagem focada nas aquisições, para uma aprendizagem centralizada na ação. Por outras palavras, a aprendizagem não deve ser tanto a aquisição de conhecimentos já estabelecidos pela escola, mas antes o “domínio dos próprios instrumentos do conhecimento” (Chaves, 2009).

Uma das críticas que é feita ao método de ensino tradicional, é pelo facto de que os alunos acumulam o que aprenderam apenas para serem bem sucedidos nas provas escolares, posteriormente não conseguem canalizar o conhecimento para situações do quotidiano. Assim sendo, as competências adquiridas ao longo da aprendizagem permitem com que cada aluno saiba utilizar os seus conhecimentos para agir (Chaves, 2009). Os métodos de ensino tradicional continuam a ter como base a exposição temática, logo os alunos não possuem muitas oportunidades para participar na aula (Redford, 2013).

É essencial que assumam uma postura de “saber pensar, questionar, criticar, procurar soluções, isto é, usar o conhecimento nas situações novas que a sociedade impõe” (Chaves,

2009:34). O conceito de competência está associado à “aquisição de conhecimentos e ao domínio de princípios e regras de uso da informação para resolver problemas” (Chaves, 2009:36). Os indivíduos que possuem uma atitude empreendedora, são indivíduos que tomam a iniciativa e são pró-ativos nas mais variadas vertentes, sempre com o intuito de atingir os seus objetivos (Alves, et. al., 2018), e preparados para corresponder às exigências da sociedade atual (Ferreira & Miguel, 2020).

A educação para o empreendedorismo, tem como base seis competências essenciais. A primeira é a autoconfiança, esta competência tem como principal objetivo criar no jovem uma imagem positiva de si próprio, para que este possa “exercer e confiar na sua capacidade de julgamento e na sua capacidade para resolver as dificuldades”, sendo assim capaz de solucionar possíveis problemas que possam surgir, não ficando dependente da intervenção de outros para tomar decisões que comportem esses mesmos riscos (DGIDC, 2006:15), este domínio sobre as tarefas e problemas que possam surgir, é fundamental para o sucesso (Alves et. al., 2018). Na ação humana, o mecanismo mais importante é o de acreditar na sua própria eficácia pessoal, ou seja, um empreendedor que possua esta característica irá ter a persistência necessária para lidar com o fracasso, desenvolvendo planos e estratégias para a obtenção dos melhores resultados (Yurrebaso et. al., 2018).

Falar em atividade empreendedora significa falar em assunção de riscos. A propensão para o risco diz respeito à disposição que um determinado indivíduo tem para se comprometer com oportunidades que podem ou não envolver o fracasso, isto é, tem a capacidade de identificar o risco e toma decisões sem se preocupar com as perdas ou com as eventuais recompensas (Yurrebaso et. al., 2018).

De seguida, a iniciativa/energia, isto é, avaliar, selecionar e atuar com diversos métodos e estratégias com o intuito de solucionar problemas e atingir objetivos, de forma proativa e enérgica “em vez de esperar passivamente por ordens ou instruções” (DGIDC, 2006:17). A proatividade, tal como o nome indica, envolve o espírito de iniciativa na ação de empreender (Yurrebaso et. al., 2018).

A próxima é a resistência ao fracasso, esta competência refere-se à capacidade que o jovem tem para manter um equilíbrio quando confrontado com aspectos que não estavam nos seus planos ou quando determinados objetivos não correspondem às suas expectativas.

O planeamento/organização também faz parte das competências a adquirir com ensino para o empreendedorismo, o objetivo é determinar planos de ação de modo a cumprir os objetivos específicos, tendo em conta as suas prioridades.

A criatividade e inovação é um binómio determinante para a concessão de novas abordagens, com o propósito de manter um “pensamento aberto e fora dos esquemas

habituais para resolver problemas, apesar dos obstáculos e/ou resistências” (DGIDC, 2006:17), estas são competências que podem ser ensinadas e estimuladas (Lamas, 2012).

Por fim, é essencial que se desenvolvam relações interpessoais, deve existir um rede de relacionamento com os outros, dados que estes podem ajudar a concretizar os objetivos propostos, para que exista uma relação positiva de ajuda que possa beneficiar ambas as partes (DGIDC, 2006).

A realização é uma necessidade do empreendedor, esta vontade de realização faz com que o empreendedor direcione todo o seu trabalho para a dinamização da sua atividade, o prestígio e a recompensa financeira acabam por vir em segundo plano (Barbosa & Costa, 2015).

É crucial que se criem todas as condições necessárias para a promoção do empreendedorismo e da cultura empreendedora, enfatizando as competências individuais no reconhecimento de novas oportunidades e as propriedades cognitivas para a valorização dessas mesmas oportunidades (Brandão et. al., 2018).

Ao desenvolver as competências de uma educação empreendedora, o professor utiliza um conjunto de informações, atividades e práticas que possibilitam uma maior interação com os alunos, fazendo com que estes se sintam mais confortáveis para expor as suas ideias e desenvolver as suas atividades em contexto de sala de aula. Os alunos são responsáveis pelo seu próprio destino, sendo fundamental que estes tenham a noção da sua importância, para que se sintam seguros de si mesmo, despertando o espírito de liderança e a vontade de aprender (Ferreira & Miguel, 2020).

No “Referencial de Educação para o Empreendedorismo” elaborado através de uma parceria estabelecida entre a Direção Geral da Educação e outras entidades, refere que um dos objetivos de Portugal até 2030, é o de aumentar o número de jovens com habilitações e competências para o empreendedorismo, reforçando a ideia de que o empreendedorismo é importante para a “obtenção de habilitações relevantes por parte dos jovens numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida” (Direção-Geral da Educação et al., 2022).

2.2 Papel dos professores no ensino do empreendedorismo

Nos últimos anos com a massificação do ensino, o papel do professor tem vindo a alterar-se, uma vez que, têm de trabalhar com um grupo de alunos cada vez mais heterogêneo, lidar com o desenvolvimento das novas tecnologias e com a crescente autonomia das escolas (Teixeira, 2012). Ensinar futuros empreendedores requer “a transferência de habilidades empreendedoras para os alunos usando abordagens de ensino inovadoras e

não convencionais baseadas na ação e na prática” (Gautam & Singh, 2015:27). A prática é interpretada como parte central da educação para o empreendedorismo, isto é, os alunos são confrontados com situações que precisam de uma solução (Fejes, Nylons & Wallin, 2019).

Os professores são o ponto central na educação para o empreendedorismo, têm de se envolver na dinamização de competências, que serão uma ferramenta importante na integração dos alunos na sociedade (Santos, 2014).

Uma vez que o ensino do empreendedorismo nas escolas é considerado um novo método de ensino, é essencial que os professores recebam um outro tipo de formação, de modo a que estes se adaptem aos novos desafios que lhes são colocados (Gautam & Singh, 2015), sendo ainda necessário, que a escola adote novos modos de atuação (Delors *et al*, 1996), cabe ao professor ser o elo de ligação entre a teoria e a prática (Ferreira & Miguel, 2020).

A intervenção dos professores nos programas de empreendedorismo pode ocorrer de diversas formas. Podem simplesmente recorrer a materiais pedagógicos já existentes ou assumirem uma posição mais ativa no processo de aprendizagem dos alunos, criando novas atividades e novas dinâmicas em contexto de sala de aula (Santos, 2014). De acordo com as diferentes abordagens na forma como ensinam o empreendedorismo, existem professores que recorrem a exercícios práticos e reais, utilizando a criatividade de modo a dinamizar as competências empreendedoras, enquanto que outros continuam a optar pelas metodologias do ensino dito tradicional. Estes exercícios representam uma definição mais ampla daquilo que é a educação para o empreendedorismo (Fejes, Nylons & Wallin, 2019).

Sendo que a informação está na origem da transformação e da mudança, é crucial que exista uma consciencialização dos professores acerca do empreendedorismo, para que estes utilizem novas ferramentas na implementação de atividades empreendedoras (Gautam & Singh, 2015), assim sendo, é fundamental que seja desenvolvida mais informação acerca do empreendedorismo e das novas metodologias (Lavieri, 2010). É essencial que os professores estejam motivados, uma vez que vão ser eles os principais responsáveis pela preparação dos jovens, de modo a encarem o futuro de uma forma responsável e confiante (Delors *et al*, 1996:152).

O professor é o mediador e o responsável por incentivar e despertar as habilidades dos alunos e incentivá-los (Ferreira & Miguel, 2020). Promover nos alunos a vontade de aprender e ser um indivíduo inovador, é uma das competências que os professores têm de ter, e uma vez que todos os alunos são distintos e com diferentes formas de aprendizagem, o professor tem de utilizar várias técnicas e estratégias para chegar a todos os alunos (Santos, 2014).

Os professores empreendedores, são encarados pelos seus alunos como uma fonte de inspiração e motivação, dado que possuem uma mente aberta, tendo a capacidade de explorar e desenvolver ideias com o intuito de orientar os seus estudantes, uma vez que não podem ensinar os alunos/as a serem empreendedores se eles próprios não o forem (Comissão Europeia, 2013).

Os professores têm de transformar a informação em conhecimento e torná-la mais apelativa, desta forma têm de sempre informados e atualizados acerca das novas formas de ensinar (Santos, 2014). É fundamental que se realizem atividades que se relacionem com a realidade (Fejes, Nylons & Wallin, 2019).

Estes seguem “um plano de estudo flexível e adaptável e preferem a aprendizagem interdisciplinar e baseada em projetos concretos, através da utilização de materiais didáticos em vez de manuais escolares”. Defendem a ideia de que a sala de aula deve ser também um espaço de debate, onde os alunos possam interagir em grupo, dando opiniões, respostas e soluções para determinados problemas, sendo também um espaço de reflexão acerca do processo de aprendizagem (Comissão Europeia, 2013:9).

Os professores necessitam de dar total liberdade aos alunos, isto é, se o aluno entender que é responsável pela sua aprendizagem, este não se sente um mero recetor de informação. É através desta partilha de conhecimentos que a escola se torna num espaço que permite uma interação entre o professor e o aluno, onde as crianças podem pensar e agir livremente, desaparecendo a ideia de que o aluno deve apenas absorver a informação (Ferreira & Miguel, 2020).

Os professores “são desafiados a melhorar e adequar as suas práticas e, para que estas sejam melhoradas de forma constante, é importante que exista a sua disseminação, que desenvolva um trabalho interdisciplinar, que se verifique uma partilha e uma complementaridade entre os diferentes interventores” (Teixeira, 2012:40), estes caracterizam-se por apoiar os alunos/as nos processos de aprendizagem individuais, assim como o desenvolvimento das competências pessoais (Comissão Europeia, 2013).

Já que o aluno passa a ser o centro do processo educativo, os professores necessitam de novas competências profissionais (Gautam & Singh, 2015), ou seja de uma formação específica (Teixeira, 2012), para que possam direcionar o aluno ao longo do seu processo de aprendizagem (Gautam & Singh, 2015). O professor tem o papel de intervir e servir de mediador através de práticas atrativas (Ferreira & Miguel, 2020).

Este método de ensino não se limita ao “objetivo de fomentar o empreendedorismo, pretende-se, também, uma educação empreendedora (nas suas práticas, métodos

didáticos e pedagógicas) que se aplique de modo transversal a todas as disciplinas” (Teixeira, 2012:39).

É possível preparar os professores para enfrentar os novos desafios, através da consolidação da formação de professores para a formação de futuros professores empreendedores e através do desenvolvimento e de um trabalho contínuo das competências empreendedoras nos professores em exercício (Gautam & Singh, 2015).

Apesar das competências e dos valores relacionados com o empreendedorismo não sejam uma prioridade nos programas de formação dos professores, uma parte dos docentes apresenta uma vontade de adquirir uma formação complementar e inovadora acerca de novos métodos de ensino, afirmando que a própria estrutura escolar não apoia a “promoção de abordagens criativas e inovadoras à aprendizagem” (Gautam & Singh, 2015:26).

Há uma crescente necessidade que os professores portugueses se inspirem nas experiências de outros países, onde existe um maior domínio do empreendedorismo (Redford, 2013), estes têm de estar a par das novas técnicas e meios, para que os alunos se sintam motivados e capazes de desenvolver e executar autonomamente as suas habilidades (Ferreira & Miguel, 2020).

No entanto, a educação para o empreendedorismo também apresenta diversas críticas por parte dos professores. A primeira reside no facto de alguns docentes considerarem que não possuem tempo suficiente para se envolverem na temática do empreendedorismo e outros não possuem conhecimento suficiente acerca do empreendedorismo. Afirmam que esta foi uma temática inserida nos currículos escolares, mas que não foi previamente estruturada e desenvolvida.

Aqueles que defendem o ensino tradicional, alegam que a educação para o empreendedorismo vem substituir conteúdos que são considerados mais relevantes na formação dos alunos, isto é, que a educação para o empreendedorismo é apenas mais um projeto entre muitos outros projetos a ser desenvolvido pela escola.

Por fim, que o empreendedorismo não é algo que se pode aprender, mas sim uma característica que nasce com os indivíduos.

Estas críticas acabam por colocar em causa a legitimidade da educação para o empreendedorismo, isto é, se é realmente necessário. Uma vez que, para que a implementação deste tipo de ensino seja um sucesso, é fundamental que os professores estejam devidamente preparados. Caso contrário, o empreendedorismo é abordado como um conteúdo superficial (Fejes, Nylons & Wallin, 2019).

2.3. Projetos/Iniciativas de ensino do empreendedorismo

Tem-se assistido a um crescimento da educação para o empreendedorismo, uma vez que existem inúmeras redes internacionais e organizações não governamentais que dinamizam o espírito empreendedor, através da implementação de parcerias com escolas (Redford, 2013).

Ao nível da educação, na Europa, o ensino para o empreendedorismo tem sido uma área que tem despertado um especial interesse por parte de diversos países europeus, assistindo-se assim a uma evolução e crescente aposta por parte da União Europeia (Palinhas, 2010).

Uma vez que o empreendedorismo se caracteriza pela capacidade de transformar ideias em ações, a União Europeia afirma que esta capacidade sustenta as atividades do dia-a-dia, não só a nível pessoal como também a nível social, isto é, os trabalhadores estão mais conscientes do contexto de trabalho em que estão inseridos, revelando uma maior aptidão para aproveitar oportunidades (Brandão et al., 2018).

Os países do norte da Europa são os que apresentam um maior número de iniciativas e estratégias para a implementação do ensino para o empreendedorismo (Palinhas, 2010). Este número significativo de iniciativas e medidas implementadas nos países nórdicos está relacionado com o “compromisso que estes países assumem com a inovação”, a Suécia, a Noruega e a Finlândia assumem as posições mais altas no *European Innovation Scorecard*, estando ainda posicionadas no Top 10 a nível mundial (Relatório Eurydice, 2016:10).

No panorama mundial, o Canadá através de uma organização sem fins lucrativos, a “*The Canadian Foundation for Economic Education*”, oferece cursos de educação empreendedora direcionados a jovens, promovendo a formação complementar de professores nesta área. Nos Estados Unidos da América, a principal responsável é a *Junior Achievement*, uma organização não governamental fundada em 1919, sendo uma das pioneiras a oferecer este tipo de educação. Atualmente a *Junior Achievement* está presente em inúmeros países ao redor do mundo.

Contudo, na maioria dos países não existe um plano ou uma intenção para alterar o plano curricular para a introdução do empreendedorismo (Lavieri, 2010).

De seguida serão brevemente apresentadas algumas práticas no que diz respeito aos programas e atividades do ensino do empreendedorismo a crianças e jovens em alguns países europeus. O caso português também será discutido, com o intuito de compreender a realidade portuguesa relativamente à temática em estudo.

2.3.1 Noruega

Neste país, são os próprios “municípios” ou regiões a implementar o seu próprio projeto, isto é, a iniciativa não parte de uma organização externa (Palinhas, 2010:46). Um dos seus principais objetivos é colocar o país na liderança ao nível da educação e formação para o empreendedorismo (Relatório Eurydice, 2016:40), e para que este objetivo fosse alcançado, apostaram num modelo onde os professores recebem uma formação específica.

Estes, “não se limitam a definir o conteúdo dos programas de empreendedorismo, mas ficam também com a competência para demonstrar como cada nível pode contribuir para o currículo nacional” (Palinhas 2010:46).

2.3.2 Finlândia

Na Finlândia, existe uma estratégia nacional, desenvolvida pelo Ministério da Educação e Cultura, voltada para a educação para o empreendedorismo (Relatório Eurydice, 2016). Esta estratégia abrange todos os níveis de ensino, e assim sendo o empreendedorismo encontra-se inserido em todos os programas curriculares (Comissão Europeia, 2005).

Um dos factores que contribui para este sucesso, prende-se com o esforço feito por parte do governo em disponibilizar atividades, seminários e materiais didáticos aos seus alunos, com o intuito de demonstrar que o empreendedorismo desempenha um papel importante na formação de crianças e jovens, os “alunos da escola primária são incentivados a ganhar alguma experiência num trabalho durante algumas semanas ao longo do ano, pelo que o currículo nacional para a educação básica e secundária inclui também a participação cívica e o envolvimento dos cidadãos no tema do empreendedorismo” (Palinhas, 2010:44).

2.3.3. Suécia

Na Suécia, em 2009, foi desenvolvida uma “Estratégia para Empreendedorismo na Educação e na Formação”, e não conta com uma data específica para terminar (Palinhas, 2010). Esta estratégia apresenta uma dualidade, por um lado procura desenvolver as competências educacionais e por outro, procura incentivar a sua população, desde as crianças até à população adulta, a criar e desenvolver os seus próprios projetos (Relatório Eurydice, 2016).

No contexto escolar, o curso de empreendedorismo é lecionando como uma disciplina autónoma obrigatória no ensino secundário e como uma disciplina opcional nos restantes níveis de ensino (Relatório Eurydice, 2016). Já foram desenvolvidos 50 projetos de ensino para o empreendedorismo, sendo que estiveram envolvidas cerca de 11.000 crianças e jovens (Palinhas, 2010).

A Agência Nacional para a Educação, apoia e incentiva as escolas a desenvolver uma metodologia baseada no empreendedorismo, apoiando financeiramente a formação continua de professores e na elaboração e dinamização de matérias de apoio digitais (Relatório Eurydice, 2016).

2.3.4. Portugal

Em Portugal, esteve em curso um projeto de experimentação de políticas públicas, através do “Projeto Youth Start- Entrepreneurial Challenges”¹, com uma duração prevista entre 2015 e 2018. Este projeto contou com a colaboração dos Ministérios da Educação, autoridades públicas e organização não governamentais da Áustria, Dinamarca, Eslovénia, Luxemburgo e Portugal. É destinado aos alunos que frequentam o 1º e 2º ciclo do ensino básico, aos alunos do ensino secundário e aos professores e diretores de escolas. Tem o intuito de promover o empreendedorismo na educação, não só na formação inicial, como também na formação de professores. O objetivo é incutir competências empreendedoras em três grupos específicos, entre eles, as crianças, os futuros professores, ou seja, ainda em formação, e professores atuais (Pinho *et al*, 2016).

Uma outra iniciativa é a Junior Achievement Portugal, trata-se de uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2005, com programas para alunos, professores e voluntários com idades compreendidas entre os 6 e os 30 anos. É uma associação que desenvolve e promove o empreendedorismo, a assunção do risco, a criatividade e inovação (Costa & Carvalho, 2011).

“Aprender a Empreender” é um projeto que abrange programas promovidos pela Junior Achievement, direcionado para o ensino básico e para o ensino secundário, assegurando o desenvolvimento de competências empreendedoras, é financiado pelos seus parceiros, que acreditam que a educação é uma “importante fonte de riqueza e que investem e promovem a formação, o espírito empresarial e empreendedor nos jovens, concedendo-lhes a oportunidade única de se desenvolverem” (Costa & Carvalho, 2011:112).

O Centro Educativo Alice Nabeiro, encontra-se inserido no “Coração Delta” uma associação de solidariedade social, que desenvolve projetos e programas nas áreas da educação, educação especial, saúde e intervenção social. Tem desenvolvido inúmeros projetos no âmbito da educação para o empreendedorismo, um deles é o programa “Ter ideias para mudar o mundo”, que aposta na formação de crianças dos 3 aos 12 anos, através de projetos e ideias inovadoras com o intuito de desenvolver o seu espírito empreendedor. Este programa já estabeleceu parceria para a sua implementação com 37 municípios de norte a sul do país, em escolas, Instituições Particulares de Solidariedade

¹ Para mais informações consultar https://www.dge.mec.pt/projetos_EE

Social e espaços educativos, tendo o apoio da direção Geral da Educação e da Fundação Calouste Gulbenkian, entre eles Lisboa, Braga, Aveiro, Évora, Covilhã, Viana do Castelo, Portalegre, Abrantes, Beja, Montijo e Guimarães².

Recentemente, o Instituto Politécnico de Lisboa criou uma Academia de Inovação, Criatividade e Empreendedorismo, direcionada para a comunidade académica do Instituto Politécnico de Lisboa, envolve não só os estudantes, como também os docentes e não docentes³. É um programa que tem como base a educação para o empreendedorismo com o intuito de desenvolver as competências empreendedoras, oferecendo as ferramentas necessárias para a criação de novas soluções de modo a responder às exigências da sociedade atual (Agostinho, Rodrigues & Rodrigues, 2019).

Estima-se assim que Portugal também venha a alcançar bons resultados, uma vez que vão surgindo novos programas e cursos nesta área, nomeadamente no ensino superior. É necessário apostar na educação para o empreendedorismo em Portugal, dado que o empreendedorismo favorece positivamente a mudança de mentalidade e de atitudes relativamente à participação social (Redford, 2013).

No entanto, em relação ao programas existentes ainda não existe informação suficiente para se conseguir qualificar a eficácia e o impacto dos programas de empreendedorismo integrados no sistema educativo (Santos, 2014).

² Informação disponível em <https://www.coracaodelta.com/escola-empREENDEDORA/>

³ Informação disponível em <https://www.ipl.pt/id-inovacao/inovacao/empREENDEDORISMO/ace>

Parte II- Investigação Empírica

1. Procedimentos metodológicos

1.1. Metodologia de Investigação

A metodologia é um dos pontos mais importantes no decorrer de uma investigação, dado que é a metodologia que irá orientar o investigador na escolha dos métodos mais adequados para o sucesso da investigação. Assim sendo, é na metodologia que ocorre a “interação entre teoria e método e lida com questões que moldam o curso da pesquisa. Está relacionada com os laços que existem entre o que queremos saber e os caminhos a trilhar para lá chegar, clarifica o modo como o curso da pesquisa é determinado pela natureza dos questionamentos de partida e pelos fenómenos em estudo” (Augusto, 2014:2).

A metodologia tanto pode ser de carácter quantitativo, como de carácter qualitativo. Uma das grandes diferenças entre estas duas metodologias reside na posição que investigador ocupa, isto é, na metodologia qualitativa o investigador está mais próximo do objeto de estudo e analisa-o de forma mais pormenorizada e intensa (Briceño-León, 2003). As principais características deste método de investigação residem na forma como a recolha de dados é feita, isto é, a “fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (Bogdan & Biklen, 2003, cit. In Palinhas, 2010:59). O investigador não tem o intuito de alterar o que ocorre, ou seja, o objetivo é “não gerar reações que possam alterar o curso natural dos fatos”, no entanto, isto nem sempre é conseguido (Briceño-León, 2003:160).

Na presente investigação, tendo em conta os objetivos de estudo, a opção que mais se enquadra na análise da educação para o empreendedorismo na capacitação de crianças é a metodologia de carácter qualitativo, porque as metodologias qualitativas têm como principal objetivo “descrever e compreender o comportamento humano na sua complexidade” (Bogdan & Biklen, 1994:69- 70, cit. In. Silva, 2013:3). O termo qualitativo “implica uma partilha densa com pessoas, factos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (Chizzotti, 2003:221).

Uma metodologia participante, que permite recolher os dados na voz das próprias crianças e jovens (Sarmiento, 2000:159), permitindo o estabelecimento de relações mais profundas com os participantes, obtendo assim respostas mais “interativas, abertas e

intuitivas” (Soares, 2005:152). Há lugar a uma maior participação por parte do investigador no objeto de estudo (Silva, 2013:3).

Dada às características da investigação qualitativa, o desenho da investigação é menos estruturado e mais aberto, fazendo com que haja uma maior facilidade na interação e na contínua revisão do quadro analítico (Briceño-León, 2003:161).

A metodologia qualitativa é a que mais se enquadra no estudo da educação para o empreendedorismo na capacitação de crianças, sendo esta a mais adequada para o “desenvolvimento de pesquisas com crianças pequenas” (Pereira, et al. 2007:116).

Tabela I- Modelo de Análise

Educação para o Empreendedorismo	Perceção dos professores	Articulação entre disciplinas
		Adaptação dos conteúdos curriculares
		Inclusão no plano curricular
	Perceção dos alunos	Perspetivas futuras
Educação Financeira	Aulas	Programa/Conteúdos
		Avaliação
		Materiais de apoio
		Atividades

Fonte: Elaboração Própria

1.2. Técnicas de pesquisa

Todas as pesquisas de base empírica necessitam que se proceda a um levantamento de dados, por vezes oriundos de diversas fontes. Para tal é necessário acionar uma ou mais técnicas de recolha de dados, sob a égide de uma estratégia metodológica definida de acordo com os objetivos (Markoni & Lakatos, 2002).

As técnicas de pesquisa que mais se adaptam a este estudo são a realização de entrevistas e a realização da observação participante. Isto porque, observar de forma direta as aulas de Empreendedorismo, fornece-nos informação sobre o decurso das mesmas, os materiais, as atividades, o ambiente e experiências dos alunos e docente. Por outro lado, as entrevistas

trazem os sentidos e as intenções subjacentes às práticas, nomeadamente a estratégia, as decisões e as percepções dos alunos envolvidos. É essencial que se cruze a informação obtida através da observação com a informação adquirida através das entrevistas semiestruturadas. Este cruzamento de dados irá permitir uma análise mais completa, deste modo foi feita uma triangulação dos dados

1.2.1. Observação Participante

A observação participante, é um dos únicos métodos de investigação social que consegue captar os comportamentos no tempo exato em que estão a decorrer (Quivy & Campenhoudt, 1998:196). Permite ao investigador “compreender um meio social que, à partida, lhe é estranho ou exterior e que lhe permitirá integrar-se progressivamente nas atividades das pessoas que nele vivem, estabelecendo um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (May, 2004). Sendo a investigadora mestranda em Empreendedorismo e Inovação Social, considerou-se que faria sentido o uso desta técnica com a sua intenção enquanto observadora.

O investigador tem a possibilidade de observar o contexto onde esses comportamentos ocorrem, como é o caso “da ordenação de um espaço ou a disposição dos móveis de um local, que cristalizam sistemas de comunicação e de hierarquia” (Quivy & Campenhoudt, 1998:196), existem “fenómenos de grande importância que não podem ser registrados por meio de perguntas ou de documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua realidade” (Mallinowski, 2005:55, cit. In Minayo & Costa, 2018:146), assim sendo o “campo de observação do investigador é, infinitamente amplo” (Quivy & Campenhoudt, 1998:196)

A observação não tem um prazo definido, tanto pode ser de curto ou longa duração, e realizada com ou sem grelha de observação. Estas grelhas permite diferenciar as categorias do comportamento a observar. O indicado é que estas grelhas sejam simples para que o processo de interpretação dos dados seja facilitado (Quivy & Campenhoudt, 1998:199)

Deste modo, as vantagens da utilização desta técnica de investigação dizem respeito à facilidade com que é possível observar comportamentos e acontecimentos no próprio momento em que estes são a ser reproduzidos, a recolha dos dados é espontânea e também a “autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos, é mais fácil mentir com a boca do que com o corpo” (Quivy &

Campenhoudt, 1998:199), permitindo a recolha de dados acerca de um vasto conjunto de atitudes e comportamentos (Markoni & Lakatos, 2002).

Contudo, também apresenta aspectos negativos, entre eles a dificuldade em ser aceite como observador no seio de uma determinada instituição, um outro problema é ao nível do registo dos acontecimentos, isto é, o investigador pode não se recordar de todos os acontecimento que presenciou, dado que nem sempre é possível tirar notas no exato momento, a única alternativa é transcrever os comportamento observados logo após a observação. (Quivy & Campenhoudt, 1998:199).

Markoni & Lakatos (2002), apresentam na sua obra, um conjunto de limitações em relação a esta técnica de pesquisa. A primeira tem a ver com o facto de que podem ocorrer imprevistos e estes podem afetar a investigação, a segunda diz respeito à duração dos acontecimentos, isto é, os acontecimento podem ser rápidos ou demorados, ou estar a ocorrer vários acontecimentos aos mesmo tempo, logo é difícil para o investigador registar todos os dados. Uma vez que a observação consiste na observação em tempo real dos acontecimentos, estes não são previstos, assim sendo, o investigador pode não presenciar esse facto.

Uma das particularidades que faz com que a observação participante seja a técnica mais adequada para o estudo da temática de investigação, em primeiro lugar é pelo facto de que a amostra são crianças com uma idade compreendida entre os oito e os nove anos, e a observação surge como um complemento ao conteúdo das entrevistas, dado que através das entrevistas as crianças não dão uma resposta tão precisa às questões que lhes são colocadas, as respostas tendem em "agrupar-se em 'Sim' (muitas vezes), 'Não' (quase nunca), e 'Às vezes' (...) resultavam em respostas induzidas ou inconsistentes" (Carvalho, et al., 2004:292).

Em segundo lugar, o objetivo é observar as reações, as interações, o entusiasmo na realização das atividades que lhes são propostas, assim como observar o funcionamento das próprias atividades, logo, a observação é essencial.

Um outro benefício de recorrer à utilização da observação participante é pelo facto de se poder observar o contexto em que estão inseridos, isto é, observar o espaço em que são lecionados os conteúdos que abordam o empreendedorismo. Assim como, a observação da existência ou não de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e pedagógicos inovadores, ou seja, é possível obter uma caracterização do contexto educativo.

1.2.2. Entrevista Semiestruturada

Neste caso em concreto uma das técnicas utilizadas é a entrevista semiestruturada. É um procedimento utilizado nas investigações sociais para a recolha de dados (Markoni & Lakatos, 2002).

A entrevista caracteriza-se por um conversa entre dois ou vários interlocutores, com o intuito de adquirir informações que iram sustentar a investigação, assim sendo é “uma conversa com finalidade” (Minayo & Costa, 2018:141).

Existe um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores sendo a entrevista semiestruturada a mais utilizada nas investigações sociais. Esta é composta por uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, não obedecendo a uma ordem específica, cabe ao investigador “reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar, é essencial que o entrevistado fale abertamente, “com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier” (Quivy & Campenhoudt, 1998:192).

As vantagens da utilização das entrevistas, diz respeito ao “grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos” e como referido anteriormente, a possibilidade de recolher os dados, testemunhos e interpretações na voz do próprio interlocutor (Quivy & Campenhoudt, 1998:194). Uma outra vantagem prende-se com o facto de ser uma técnica que abrange todo o tipo de pessoas, isto é, o entrevistado não precisa de saber ler ou escrever para colaborar na investigação, existe uma flexibilidade por parte do investigador para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir por parte do entrevistado (Markoni & Lakatos, 2002).

Todavia, esta pode intimidar os indivíduos que não estejam habituados a trabalhar sem diretivas e técnicas específicas e é fundamental que entrevistador consiga direcionar a entrevista para que possa retirar o maior número possível de informação, para que mais tarde possa ser analisada (Quivy & Campenhoudt, 1998). Podem ainda surgir dificuldades ao nível da comunicação entre ambas as partes, uma vez que o entrevistado pode ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelas atitudes do entrevistador, e por conseguinte o entrevistado não revelar ou modificar dados importantes para o estudo (Markoni & Lakatos, 2002).

Um outro aspecto importante de uma entrevista é a sua gravação áudio ou vídeo, para que o conteúdo da entrevista seja transcrito e revisto. A transcrição da entrevista permite observar detalhadamente a informação transmitida pelo entrevistado, para que se possa retirar o conteúdo essencial para o desenvolvimento e sucesso da investigação (Azevedo et al., 2017).

No caso do estudo em questão, foram elaborados três guiões de entrevista, um para os alunos, outro para o diretor da escola e professor da disciplina de Educação Financeira e por fim, para os professores.

O guião de entrevista dos alunos (Anexo 4) está dividido em quatro grupos, constituídos por diversas perguntas. No primeiro grupo, o objetivo é conhecer os conhecimentos dos alunos acerca do empreendedorismo; o segundo grupo de questões aborda o funcionamento das aulas e da disciplina de educação financeira e a opinião dos encarregados de educação dos alunos em relação a esta atividade extracurricular; o terceiro grupo o intuito é o de perceber a opinião dos alunos em relação à atividade que realizaram no âmbito da disciplina de educação financeira; e por fim, o último grupo de questões diz respeito às perspetivas futuras.

O segundo guião, está dividido em cinco grupos de questões, e dirige-se ao diretor da escola que também é o professor responsável pela disciplina de educação financeira (Anexo 4). A entrevista realizada ao professor prende-se com o facto de entender se estes profissionais, para além da sua formação inicial, recebeu algum tipo formação específica na área da educação para o empreendedorismo. O primeiro grupo diz respeito ao funcionamento da disciplina, isto é, de que forma é que são lecionadas as aulas, quais os materiais didáticos que são utilizados e o como é feito o processo de avaliação; o segundo grupo, aborda os motivos que levaram a escola a adotar o empreendedorismo e a educação financeira como atividade extracurricular; o terceiro grupo de questões o objetivo é conhecer se a escola beneficia de algum tipo de apoio, quais os obstáculos sentidos ao longo da implementação desta atividade, assim como a reação da comunidade escolar; o quarto grupo, refere os efeitos da implementação desta atividade, isto é, se trouxe algum prestígio à escola, uma vez que é das únicas escolas a trabalhar esta temática com crianças, quais as vantagens e desvantagens da implementação deste método de ensino, e a adaptação dos conteúdos curriculares; por último, uma das grandes questões é se o empreendedorismo deveria ou não ser integrado nos currículos escolares como disciplina e não apenas como atividade e uma perspetiva final acerca do empreendedorismo em Portugal.

O último guião, com o intuito de obter uma perspetiva diferente em relação ao professor que leciona a disciplina de educação financeira, é dirigido aos professores que acompanham estes alunos diariamente (Anexo 6), de modo a conhecer a reação das crianças quando estas se encontram em contacto com as atividades, e a perceção dos professores sobre o trabalho desenvolvido. À semelhança do guião dos alunos, este também começa com questões que abordam a temática do empreendedorismo, de seguida a forma como o empreendedorismo é integrado nos conteúdos curriculares, mais uma vez as vantagens e desvantagens da adoção desta método de ensino, qual a opinião acerca do

“Projeto da Troca Circular”, de modo a analisar o desempenho dos alunos e por fim, assim como no guião acima descrito, uma questões acerca do empreendedorismo no contexto nacional.

A autorização para a realização das entrevistas foi solicitada ao Diretor da Escola.

Foram apresentados e explicados os objetivos da investigação a todos os entrevistados, e informados de que todas as declarações seriam confidenciais, sendo ainda apresentado um protocolo de consentimento informado para a gravação das entrevistas (Anexo 3). Uma vez que os alunos são menores de idade a declaração de consentimento informado era dirigida ao seu responsável legal (Anexo 2).

As entrevistas decorreram presencialmente no edifício da Escola, recorrendo à gravação das mesmas em suporte de áudio, para posteriormente se proceder à sua transcrição.

Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas, foram entrevistados três alunos da turma do 4º ano de escolaridade, uma professora do 1º ciclo, a docente responsável pela turma em questão e o diretor da Escola que é também o professor da atividade de enriquecimento curricular de educação financeira.

2. Descrição do local de estudo

A Escola do Conservatório de Música da Covilhã, é uma escola privada, onde são lecionados vários níveis de ensino, entre estes, o pré-escolar, o 1º ciclo, o 2º ciclo e o ensino artístico que inclui música, dança e teatro. O 1º Ciclo, que é o nível de ensino onde se encontra inserida a turma que colaborou nesta investigação, contém salas de aula equipadas com quadros de escritas e quadros interativos, ginásio, laboratório, biblioteca, auditório, estúdios de dança, áreas de apoio para a expressão plástica e expressão musical e o refeitório comum a todos os níveis de ensino. Esta dispõe de modernas infraestruturas, proporcionando aos alunos acesso a um ambiente propício à aprendizagem, tendo ainda diversos espaços exteriores amplos para as crianças brincarem nos intervalos. Ao nível administrativo, a escola contém um gabinete da direção administrativa e financeira, um gabinete da direção pedagógica, sala de reuniões, sala de professores, sala do pessoal não docente e uma secretaria. No que diz respeito à carga horária, os alunos no período da manhã, iniciam as aulas das 9:00 da manhã até às 12:30, o período da tarde tem início às 14:00 horas, prolongando-se até às 16:00 horas. Após as aulas, os alunos têm acesso às atividades de enriquecimento curricular, onde se encontra inserida a atividade de

educação financeira com a duração de 1 hora. No total, a instituição escolar contém cerca de 500 alunos ⁴.

A turma em estudo pertence ao 4^o ano de escolaridade, sendo constituída por onze alunos. Destes alunos, cinco são raparigas e seis são rapazes, com nove anos de idade. Esta turma contém dez alunos de nacionalidade portuguesa e um aluno de nacionalidade brasileira.

A sala onde é lecionada a aula, é espaçosa, e uma vez que a turma contém um número reduzido alunos, a distribuição dos alunos é de um aluno por mesa, com o intuito de melhor a concentração das crianças. As paredes encontram-se revestidas com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos nas disciplinas de português, matemática, estudo do meio e inglês, e outros materiais didáticos, como por exemplo a o mapa de Portugal e a constituição do corpo humano. Dispõe ainda de materiais de leitura, escrita e expressão plástica.

A escola, desde início, demonstrou uma enorme vontade e interesse em colaborar na elaboração desta investigação, sendo visível o bom ambiente entre os alunos, docentes e funcionários. Sempre me deixaram à vontade para interagir com as crianças, tendo todo o apoio por parte da comunidade escolar. Assim como a escola, os alunos demonstraram desde a primeira aula, um enorme interesse pela aula de educação financeiras e pelas atividades lá desenvolvidas, acompanhado de um elevado grau de participação, interação e curiosidade pelos conteúdos lecionados.

⁴ Disponível em <http://www.conservatoriomusicacovilha.pt/download/Projeto%20Educativo.pdf>

Parte III- Apresentação e análise dos dados recolhidos

1. Dados recolhidos a partir da observação participante

Através da observação participante, tive a oportunidade de estar presente em dez aulas de Educação Financeira na Escola do Conservatório de Música da Covilhã. Esta atividade de enriquecimento curricular decorria todas as quintas-feiras para a turma do 4º ano do ensino básico.

Na aula de Educação Financeira, são abordados os conceitos de valor e preço, a questão dos rendimentos, os impostos, os princípios da economia circular, e em que consiste um leilão e o IVA. À medida que estes conteúdos são lecionados e com as perguntas que vão surgindo por parte dos alunos, vão sendo debatidos outros temas que envolvem não só a parte financeira como também o empreendedorismo.

Quando aprovada a realização desta investigação por parte da escola, a aula de Educação Financeira já se encontrava em funcionamento. Tive assim a oportunidade de participar nas restantes aulas até ao encerramento do ano lectivo. A primeira aula a que pude assistir, ocorreu no dia 21 de abril de 2022, esta iniciou-se com a apresentação dos alunos e da investigadora. Cada aluno disse o seu nome e de seguida a minha apresentação, onde foram levantadas diversas questões e curiosidades acerca do curso que estava a frequentar. Este processo foi feito com o intuito de estabelecer uma relação de confiança com os alunos.

Terminadas as apresentações, procedeu-se à leitura de uma história infantil dentro da temática do empreendedorismo. Esta história, intitulada de o “Jardim do Senhor Tobias” (anexo 1) consta no manual “Ter Ideias para mudar o Mundo” desenvolvido pelo Centro Educativo Alice Nabeiro.

O plano inicial era de analisar o trabalho desenvolvido pelo Centro Educativo Alice Nabeiro, contudo não foi obtida qualquer resposta à proposta apresentada, assim sendo, após uma pesquisa relativamente aos estabelecimentos de ensino que abordavam esta temática, a Escola do Conservatório de Música da Covilhã, surgiu como uma das únicas escolas no interior do país a abordar o empreendedorismo com crianças. Anteriormente, esta escola tinha um protocolo com o Centro Educativo Alice Nabeiro. Atualmente, uma vez que se assistiu a uma mudança dos órgãos da direção, não existe qualquer protocolo com este centro educativo.

Após a leitura deste conto infantil foram colocadas algumas questões, com o objetivo de perceber se os alunos tinham prestado atenção, se tinham percebido o enredo da história e se conseguiam identificar os conteúdos empreendedores. As questões eram as seguintes: “Quem é a personagem principal desta história?”; “Qual era o seu maior sonho?”; “Como terminou a história?”; “Acham que o Senhor Tobias pode ser considerado uma pessoa empreendedora?”, e por fim cada um dos alunos tinha de dizer uma “característica do Senhor Tobias”.

Os alunos ficaram entusiasmados com a atividade e conseguiram responder a todas as questões. À primeira questão responderam todos em conjunto “*é o Senhor Tobias*”.

A próxima questão, em relação ao sonho da personagem principal da história, surgiram várias respostas, “(...) *ter um jardim com muitas flores e árvores num terreno abandonado*”, outros afirmaram “(...) *ter uma loja de flores*”, “(...) *ter uma fábrica de flores (...)*”, no geral conseguiram todos dar uma resposta correta o que demonstra que estava atentos à atividade.

Na resposta à terceira questão, alguns alunos pediram para participar para contar como é que tinha terminado a história. As crianças referiram “*o Senhor Tobias conseguiu realizar o seu sonho de ter uma loja cheia de flores porque não desistiu*”, outra resposta foi “(...) *ele realizou o seu sonho e ajudou outras pessoas (...)* deu trabalho a muitas pessoas”, “(...) *ele acabou por ter uma fábrica*”.

Quando colocada a próxima questão, os alunos foram logo muito rápidos a responder, disseram logo “*sim*”, que a personagem era uma pessoa empreendedora.

Por fim, de modo a perceber se os alunos conseguiam identificar as características do Senhor Tobias, uns mais participativos que outros, referiram “(...) *é uma pessoa que não desiste (...)*”, “(...) *corre atrás dos seus sonhos*”, “*aproveitou um terreno vazio e construiu a sua loja de flores*”.

No final da aula, deu para perceber que os alunos tinham gostado da aula e relativamente à minha presença perguntaram se eu ia voltar na semana seguinte, tendo eu respondido que sim.

A aula seguinte, decorreu no 28 de abril de 2022, e iniciou-se com o levantamento de algumas questões no âmbito da temática da dissertação, ao nível do conceito de empreendedorismo, das competências empreendedoras e das atividades empreendedoras. Os alunos quando questionados acerca da disciplina revelaram um enorme interesse nas atividades dinamizadas em sala de aula, referindo ainda que era a sua aula preferida, dado

que gostam da ideia de nunca saberem o que vão fazer e realizarem atividades que não realizam nas outras disciplinas.

Ao nível das competências empreendedoras, os alunos têm bem presente o trabalho de equipa e a ideia de que é com os erros que se aprende, ou seja, há uma assunção do risco. Um desses exemplos ocorreu durante o evento, em que uma das crianças que estava destacada para gerir o dinheiro cometeu um pequeno erro ao nível do troco que teria de dar a um cliente, a criança referiu que se enganou mas que com esse erro tinha aprendido, e que iria procurar uma alternativa de forma a que não se voltasse a enganar. No contexto escolar, a escola apresenta um grande entusiasmo, dinamizando diversas atividades empreendedoras que estimulam a curiosidade dos alunos.

Ao longo das aulas, o docente propôs que se abordassem alguns tópicos, para a preparação da atividade do Projeto da Troca Circular, os tópicos eram os seguintes: a tipologia de produtos, ou seja, que os alunos conseguissem agrupar os produtos por categoria, o preço base, onde as crianças decidiram o valor do produto, como é que seria realizada a recolha de dinheiro, isto é, quem estaria a receber o dinheiro e quem estaria na caixa, a localização da feira, qual o sítio indicado para a realização do evento, de que forma é que iriam fazer a exposição dos produtos. Ao nível da organização/distribuição de tarefas, quando expostas as tarefas que teriam de ser feitas, neste caso uns alunos iriam estar a vender os produtos, ou seja, em contacto direto com os clientes, outros estariam a percorrer o evento a angariar clientes, outros a receber o dinheiro proveniente da venda dos produtos e a fazer as contas e os restantes tratavam da organização dos produtos. Esta seleção foi feita pelos próprios alunos, isto é, as crianças indicaram os colegas que teriam um melhor desempenho na realização de cada tarefa, tendo cada aluno em papel ativo na atividade. Quando questionados acerca dos produtos sem saída, os alunos sugeriram a realização de um leilão, e queriam que o dinheiro proveniente desse leilão fosse doado para uma instituição de solidariedade social.

Durante a preparação deste projeto, os alunos estiveram sempre a debater e a partilhar ideias entre si, sendo visível a boa interação e trabalho de equipa entre a turma e a enorme capacidade de organização. Inicialmente para decidir o que é que se ia fazer, os alunos estavam de forma colectiva a debater, posteriormente, estiveram organizados em pequenos grupos de trabalho. Ficou tudo a cargo dos alunos, desde a elaboração do símbolo e do preçário, a disposição dos produtos, a decoração da barraca, as etiquetas para os produtos e a venda dos produtos. Eram eles quem interagiam com os clientes, mostrando um enorme à vontade em fazer contas e a lidar com o dinheiro (figura II.). As restantes turmas do 1º ciclo também aderiram a esta iniciativa e, dado que eram mais novos estavam a vender trabalhos feitos nas aulas e certos produtos alimentares, com a ajuda dos professores e encarregados de educação.

Ao longo desta preparação, também foi feito um levantamento dos produtos que já não utilizavam e que queriam que fossem vendidos no dia da atividade. Os alunos tinham para venda CDs de música, revistas e livros antigos, brinquedos, roupa que já não usavam, jogos de tabuleiro, cartas de diversos jogos, cromos com jogadores de futebol, produtos de artesanato feito pelos encarregados de educação, porta-chaves e pulseiras, feitas pelas alunas, com os nomes.

As restantes aulas foram dedicadas à preparação de uma atividade intitulada de “Projeto da Troca Circular”. Este é um projeto para os alunos aplicarem os conhecimentos adquiridos ao longo do ano, entre estes o espírito empreendedor e as competências empreendedoras.

O “Projeto da Troca Circular” decorreu no dia 2 de julho de 2022 no Complexo Desportivo da Covilhã. Foi um evento organizado pela Escola do Conservatório de Música da Covilhã, com o objetivo de encerrar as atividades letivas do 1º e 2º ciclo do ensino básico. Estiveram envolvidas diversas turmas, entre elas a turma em estudo, a turma do 4º ano de escolaridade. Esta turma foi a que impulsionou a realização desta atividade, dado que a escola realiza sempre um evento para o encerramento do ano lectivo, surgiu a ideia de aproveitar esta ocasião para colocar em prática a atividade que envolvia a economia circular. As restantes turmas aproveitaram esta atividade para se juntarem a esta turma, tendo outro tipo de participação, estas não estavam a vender os produtos dos alunos, isto é, a turma do 4º ano estava a vender objetos que já não utilizavam e que tinham em casa, já as outras turmas estavam a vender trabalhos manuais feitos nas aulas, realizados pelos alunos com o auxílio dos docentes responsáveis.

O intuito do projeto era o de realizar um mercado na escola para a venda de produtos e objetos que os alunos consideram que mereciam uma nova vida (figura I.). Uma vez que o tema escolhido era a economia circular, fez todo o sentido realizar este evento.

O evento começou com a venda dos produtos, ao mesmo tempo que decorriam diversos concertos e apresentações de dança. Durante o evento mantiveram-se sempre organizados, seguindo o plano de tarefas estabelecido em contexto de sala de aula, e estavam sempre na procura de novas formas de negócio para conseguirem atrair os clientes, sendo que estas novas formas de negócio não se encontravam programadas, os alunos iam dando ideias do que poderiam fazer para angariar clientes. Uma dessas ideias foi a venda de águas frescas, uma vez que estava um dia de muito calor, esta iniciativa obteve uma grande afluência por parte dos clientes. Ao nível do desempenho dos alunos, uma das professoras que esteve presente no evento, através da entrevista afirmou, *“eles estiveram muito bem, estavam uns autênticos empreendedores. Eles tentaram ali vender os produtos deles e aliciar as pessoas”*. Através desta afirmação é possível observar que

está implícita a ideia de que o empreendedorismo consiste na venda de algum produto e sempre com algum retorno financeiro.

O Projeto da Troca Circular obteve um feedback muito positivo por parte das pessoas que estiveram presentes. Os amigos e familiares dos alunos gostaram da iniciativa e reconheceram o trabalho desenvolvido pelas crianças e por toda a comunidade educativa, contribuindo para a promoção e dinamização do espírito empreendedor, realçando a ideia de que é possível transformar as ideias em ações.

A avaliação da disciplina de Educação Financeira, é feita de forma qualitativa, consoante a evolução dos alunos desde o início até ao fim do ano lectivo. Sendo esta atividade o resultado de todos os conteúdos lecionados durante as aulas, a avaliação da atividade do Projeto da Troca Circular foi feita consoante o trabalho, entusiasmo e empenho dos alunos na realização desta atividade.



Figura I. Produtos que estavam para venda no “Projeto da Troca Circular”



Figura II. Cartaz e Barraca da feira no “Projeto da Troca Circular”

2. Dados recolhidos através das entrevistas

Após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas três tabelas com as sinopses das entrevistas. Numa tabela agruparam-se os dados dos alunos (apêndice 11), outra do diretor da escola e professor de educação financeira (apêndice 12) e a última das professoras (apêndice 13). Com a elaboração das tabelas, foi possível organizar e agrupar as respostas em categorias e subcategorias, para que a análise seja mais precisa.

A análise dos dados recolhidos através das entrevistas foi dividida em três etapas, de acordo com os três grupos populacionais primeiro foram analisadas as três entrevistas dirigidas aos alunos, de seguida analisou-se a entrevista direcionada ao diretor da escola e professor de educação financeira, e por fim, analisaram-se as duas entrevistas feitas às professoras de 1º ciclo.

2.1. Entrevistas aos alunos

Os alunos entrevistados, dois são do sexo masculino e um do sexo feminino, com nove anos de idade. As profissões dos encarregados de educação do Entrevistado 1, encontram-se relacionadas com a investigação e docentes nos ensino superior, em relação ao Entrevistado 2, não se conseguiu obter nenhuma informação em relação à situação laboral e o encarregado de educação do Entrevistado 3 é professor.

Na fase inicial das entrevistas aos alunos do 4º ano de escolaridade da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, optou-se por avaliar os conhecimentos ao nível da literacia empreendedora.

A primeira subcategoria é em relação à definição de empreendedorismo. O Entrevistado 1 refere que o empreendedorismo “*é ajudar as pessoas com coisas que nós já não usamos, por exemplo roupas, brinquedos*”. Já o Entrevistado 2, afirma que não sabe “*muito bem dizer o que é o empreendedorismo*”. Nas palavras do Entrevistado 3, o “*empreendedorismo tem a ver com empresas. É uma empresa fazer negócio com outra empresa*”.

Com o objetivo de conhecer a perspectiva destas crianças em relação aos empreendedores, criou-se uma subcategoria para saber o que consideravam ser uma pessoa empreendedora. O Entrevistado 1 diz que uma pessoa empreendedora é uma “*pessoa que ajuda as pessoas*”. O Entrevistado 2 afirma que é uma “*pessoa que gosta de aprender coisas novas*”. E por fim, o Entrevistado 3, define um empreendedor como uma “*pessoa que sabe trabalhar numa empresa*”.

Ao nível das competências empreendedoras, o objetivo era perceber se os alunos conseguiam identificar essas competências. O primeiro entrevistado não conseguiu identificar nenhuma competência empreendedora. Por sua vez, Entrevistado 2 citou que as competências empreendedoras são *“características que uma pessoa tem de ter, como a curiosidade e o desempenho”*. Já o Entrevistado 3 vê as competências empreendedoras como as *“características para se trabalhar como empreendedor”*.

Quando questionados sobre se todos os indivíduos podiam ser empreendedores, os entrevistados tiveram respostas distintas. O primeiro entrevistado, relata que sim, que todas as pessoas podem ser empreendedoras *“menos as pessoas que não têm dinheiro”*. O Entrevistado 2 diz que não, que nem todos podem ser empreendedores *“porque há pessoas que não querem aprender coisas novas, mas a maior parte sim”*. O último entrevistado apenas diz que *“nem todas” podem ser empreendedoras*.

De acordo com todos os entrevistados, deveriam existir mais atividades relacionadas com o empreendedorismo nas escolas, o Entrevistado 2 menciona um dos motivos pelo qual deveriam existir mais atividades de enriquecimento curricular como estas, por exemplo *“eu sou uma pessoa que gosta de aprender coisas novas, e quero aprender para realizar os meus sonhos. O meu sonho é criar uma marca (...)”*.

Com o intuito de obter uma perspectiva externa do empreendedorismo, ou seja, se os alunos já tinham ouvido falar do empreendedorismo antes destas aulas e se já tinham participado em atividades relacionadas com o empreendedorismo fora da escola, o Entrevistado 1 mencionou que nunca tinha ouvido falar do empreendedorismo nem nunca tinha participado em atividades relacionadas com esta temática fora da escola. Já o Entrevistado 2 afirma que sim, que ouviu *“poucas vezes, mas não me lembro onde é que ouvi. Só sei que já ouvi falar nessa palavra”*, no entanto nunca participou em atividades sem ser na escola. Assim como o primeiro entrevistado, o Entrevistado 3 também nunca ouviu nem participou em atividades relacionadas com empreendedorismo fora da escola.

A segunda categoria (educação financeira), serviu para os alunos referirem o que mais gostavam de fazer nestas aulas e qual a atividade que mais gostaram de participar. O Entrevistado 1 frisou que o que gostou mais de fazer nas aulas de educação financeira foi de *“aprender a contar dinheiro”*. O Entrevistado 2 afirma que gostou de *“aprender como é que eu tenho de pagar as coisas e aprender a receber dinheiro, a resolver os problemas da vida”*. Estas respostas refletem o tipo de empreendedorismo abordado na sala de aula, é explorada a vertente económica do empreendedorismo.

Em relação às atividades realizadas na sala de aula, todos os entrevistados referiram que a atividade que gostaram mais de fazer foi o Projeto da Troca Circular, é o projeto retratado

através da outra técnica de recolha de dados utilizada nesta investigação, a observação participante:

“O Projeto da Troca Circular, porque usámos tudo o que aprendemos ao longo do ano” (E1).

“(...) Projeto da Troca Circular, porque estava a vender as minhas coisas e estava a ver as pessoas a dar um novo uso” (E2).

“O Projeto da Troca Circular, porque podia vender” (E3).

Através da observação participante, foi possível observar o entusiasmo e o envolvimento que estas crianças demonstraram na realização desta atividade.

O “feedback” é uma categoria essencial. Através das entrevistas foi possível obter um feedback muito positivo acerca das aulas de educação financeira. Os alunos gostam das atividades que são realizadas em contextos de sala de aula e expressam o desejo de continuar a ter esta aula nos próximos anos lectivos, a título de exemplo:

“Muito divertidas (atividades) e gostei muito (...), gostava (de continuar a ter esta atividade), porque acho esta aula divertida e gosto de aprender educação financeira (...) gosto de ter a liberdade toda para falar e explicar as minhas ideias” (E1).

“São giras, eu gosto. Porque eu gosto de coisas novas (...) e sim gostava de continuar a ter educação financeira, porque se eu quiser fazer alguma coisa da vida preciso desta disciplina (...) gostava de ter mais debates e mais atividades (...) gosto de ter a liberdade para falar” (E2).

“Gosto muito e gostava de continuar a ter esta disciplina” (E3).

Para além do feedback dos alunos, a opinião dos encarregados de educação também é crucial. Os encarregados de educação “gostam da ideia” (E3) dos educandos terem como atividade de enriquecimento curricular educação financeira. O Entrevistado 1 relata que os seus encarregados de educação dizem que “é bom ter esta disciplina e que o que aprendemos nesta disciplina vai ser importante para a nossa vida”. Nesta mesma linha, o Entrevistado 2 frisou que a opinião dos encarregados de educação em relação a esta disciplina é de que “é importante, que eu tenho de saber isto, e que tenho de ter um bom desempenho na aula, porque é uma coisa importante para a vida”. Existe um feedback positivo. Estes gostam da ideia de os alunos serem estimulados e confrontados com conteúdos que não são lecionados no método de ensino tradicional. Sendo que, alguns alunos expressaram a ideia de que organizam iniciativas juntamente com os pais, apresentando ideias empreendedoras fora da escola.

A próxima categoria aborda o “Projeto da Troca Circular”, os alunos referem que esta atividade foi uma excelente ideia. A venda de produtos foi um factor mencionado por todos, o Entrevistado 1 acrescenta que não tinham *“nenhum professor a ajudar na venda, fomos nós que fizemos tudo na venda dos produtos (...) fizemos muito dinheiro e vendemos muita coisa”*. O dinheiro angariado será utilizado para a realização de uma visita de estudo, fora da escola, envolvendo a temática do empreendedorismo e da educação financeira.

No que diz respeito às perspectivas futuras, o Entrevistado 1 e o Entrevistado 2 referem que gostariam de ter um profissão relacionada com o empreendedorismo. Uma das crianças frisou que um dos motivos pelo qual gostaria de ter uma profissão que envolva o empreendedorismo é porque gosta *“de ajudar as pessoas que não têm dinheiro”* (E1) e a outra criança refere que no futuro gostaria de criar a sua própria marca (E2). Por sua vez, o Entrevistado 3, disse *“não”*, deixando bem claro que não quer uma profissão relacionada com esta temática. Todos os entrevistados apresentam respostas muito distintas, o Entrevistado 1, utiliza uma abordagem social do empreendedorismo, enquanto que o Entrevistado 2 refere a vertente financeira e comercial do empreendedorismo.

Ao falar em perspectivas futuras surgiu a subcategoria “conteúdos aplicados na vida pessoal/profissional”, isto é, se iram aplicar os conceitos adquiridos nas aulas de educação financeira não só na vida pessoal como também na vida profissional, *“porque sem educação financeira poderia não saber o valor do dinheiro”* (E3). O Entrevistado 1, referiu que *“sim”*, que terá impacto no seu futuro, já o Entrevistado 2, deu um exemplo em como aplicou alguns dos conteúdos adquiridos nesta disciplina numa atividade que realizou no A.T.L (Atividades de Tempos Livres), foi *“no monopólio e eu consegui adquirir algumas coisas e tínhamos de fazer um leilão”*.

2.2. Entrevista ao diretor da escola e professor de educação financeira

Na fase inicial da entrevista dirigida ao diretor da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, optou-se por fazer uma caracterização da disciplina de educação financeira, sendo o entrevistado o professor que leciona esta atividade de enriquecimento curricular.

A primeira categoria (educação financeira), contém sete subcategorias, com o intuito de analisar o funcionamento da disciplina de educação financeira, isto é, “como são lecionadas as aulas”, o “programa/conteúdos” lecionados, a “vertente social” da disciplina”, quais os “materiais de apoio” utilizados, o processo de “avaliação”, se há uma

“articulação entre disciplinas”, assim como uma breve explicação acerca da formação do professor.

O Entrevistado, relatou, que a disciplina de Educação Financeira não é uma aula comum em que o professor é o único interveniente, nesta aula há espaço para debates e para atividades dinâmicas. A aula decorria consoante as perguntas dos alunos, *“eu deixava um tempo para eles falarem (...) havia muita improvisação, coisas da história que eles não sabiam, e eu contava-lhes a história por detrás daquela situação eles adoravam (...) eles interessavam-se para ir ver outras coisas”*. A liberdade que os alunos têm para falar foi um dos aspectos mencionados pelas crianças nas entrevistas, e através da observação participante foi possível comprovar isto mesmo, o professor no início da aula deixava os alunos explicar as ideias que tinham tido durante a semana e colocar questões sobre diversos assuntos, e era este espaço de conversa que definia o rumo da aula.

Questionado acerca dos conteúdos lecionados o professor referiu que não tinha de *“cumprir um programa, tenho de os pôr a pensar sobre os assuntos”*, acrescentou ainda que tudo foi feito de acordo com o *“ritmo deles, nunca lhes impus uma matéria”*. O tema principal deste ano lectivo foi a economia circular, começaram pelas noções básicas e de seguida, os alunos abordaram a *“diferença entre salário e vencimento, o que é a moeda, porquê que a moeda existe, quando é que começou, a questão dos impostos”*, ou seja, discutiram acerca de temas e situações que ocorrem no dia a dia.

A partir dos conteúdos abordados em contexto de sala de aula, é possível observar que o empreendedorismo que é ensinado, é um empreendedorismo voltado para a área dos negócios. Assim sendo, procurou-se saber a opinião do entrevistado acerca de uma vertente social, na qual respondeu que a vertente social *“foi esta a da economia circular, foi exatamente para terem uma perspectiva social da economia”*.

Ao nível dos materiais de apoio, a *“escola não tinha cá nada”*, o professor utilizou um Manual/Caderno de Educação financeira para o 1º Ciclo do ensino básico disponibilizado pelo Ministério de Educação, e usava este manual *“por causa das fichas (...) nunca lhes dei material extra que não fosse feito por nós”*. No geral, ao *“nível de manuais e de materiais há muita coisa na internet, não é necessário comprar nada, é ter imaginação, preparar as atividades e colocá-los a trabalhar”*. O professor de Educação Financeira não tem um plano de atividades estabelecido, o único plano previamente estabelecido são os conceitos base que o docente considera obrigatórios ser abordados (anexo 1).

Uma outra subcategoria era perceber como é que era feito o processo de avaliação, uma vez que nesta disciplina os alunos não faziam nenhuma ficha de avaliação de modo a avaliar os conhecimentos adquiridos ao longo do ano lectivo, o professor referiu que, a avaliação dos alunos era feita consoante o *“interesse que eles demonstraram”*, ou seja, uma

“avaliação comportamental, através da distinção daqueles que tinham muito interesse dos que tinham pouco interesse, a avaliação foi sempre qualitativa”. O processo de avaliação teve como base a evolução dos alunos desde o início do ano lectivo até ao final. No geral, os alunos registaram uma evolução considerável ao nível da matemática e conhecimentos abordados na sala de aula.

A última subcategoria em relação à disciplina de educação financeira é sobre a “articulação entre disciplinas”, isto é, se as crianças aplicavam os conceitos e conteúdos adquiridos nesta disciplina nas restantes disciplinas. O entrevistado afirmou que sim, que os alunos faziam essa articulação, principalmente na matemática, *“porque eu vi alunos que começaram a fazer as primeiras contas de divisão decimal (...) quando eles chegaram ao cálculo já sabiam fazer muito melhor, o que eu lhes ensinei deu-lhes uma informação que eles rapidamente utilizaram em outros contextos”*.

Uma vez que o Entrevistado, não só é o professor desta atividade de enriquecimento curricular como o diretor da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, surgiram algumas questões a respeito do motivos que levaram a escola a adotar esta atividade, se beneficia de algum tipo de apoio externo e as dificuldades sentidas na implementação da educação financeira como atividade de enriquecimento curricular para os alunos do 4º ano do ensino básico.

A iniciativa de adotar a educação financeira e o empreendedorismo como uma área de estudo para crianças partiu do professor, tinham *“de ter cinco atividades, uma por dia, as chamadas atividades de enriquecimento, e eu disse assim eu posso dar uma de educação financeira, tenho habilitações para isso e gostava de experimentar”*. O anterior concelho diretivo da escola, já tinha uma atividade de enriquecimento curricular no seu plano educativo intitulada de “Empreendedorismo”, assim sendo, a direção atual optou por continuar com essa atividade, alterando a denominação da disciplina e dando um maior ênfase à vertente económica.

Em relação a apoios externos, o diretor relatou que a escola não beneficia de qualquer tipo de apoio, no entanto, expressa ideia de se candidatar a *“um projeto juntamente com um banco ou com um hipermercado ou com uma entidade que possa custear algumas despesas e alguns serviços que sejam precisos”*. Porém ainda não existem *“grandes projetos”*.

Quanto às dificuldades na implementação da educação financeira, o entrevistado não sentiu nenhuma dificuldade, *“para este nível (4º ano) não”*, no entanto, se opta-se por estender esta atividade para o 2º ciclo que poderia sentir alguma dificuldade, porque era uma coisa nova.

Uma vez que a educação para o empreendedorismo é considerado um novo paradigma da educação, tentou-se perceber quais os efeitos da sua implementação. Apesar de ser difícil qualificar o nível de eficácia deste tipo de programas, uma vez que são programas a longo prazo, procurou-se saber se após esta experiência se era importante que todas as escolas adotassem o empreendedorismo/educação financeira como disciplina ou atividade de enriquecimento curricular, o diretor referiu que *“se as escolas pudessem, que o deviam fazer. Não vi nenhuma escola deste nível de 1º ciclo a especializar-se nisto. Isto é uma oferta. Mas se deveria ser obrigatória para todos?, é uma questão a ponderar. Se nós virmos que é muito útil, se calhar todos os alunos podem ter de passar por essa disciplina e deixa de ser uma opção, e passava a ser uma obrigação, mas é um assunto que ainda é cedo para discutir, mas se acho que vale a pena tentar, vale, se surtiu bons efeitos no primeiro ano com um grupo restrito de alunos, acho que sim”*, este grupo restrito de alunos a que o entrevistado faz referência é a turma do 4º ano que foi estudada.

Procurou-se saber o feedback dos encarregados de educação e da comunidade escolar em relação à disciplina de educação financeira, a reação dos pais é *“muito positiva”*, segundo a comunidade escolar *“era bom ter uma coisa destas no 2º ciclo”* e *“vejo os outros professores do ciclo a pedirem-me para não deixar de dar isso (educação financeira)”*.

Dado que um dos objetivos desta investigação recai sobre a capacitação de crianças, procurou-se saber se as competências empreendedoras são importantes na formação destes alunos. Segundo o diretor da escola, as *“competências são obviamente importantes”*, contudo, de acordo com o entrevistado estar a *“fazer cursos disso, é complicado, é melhor dar-lhes os conceitos base da vida económica e social”*.

A adaptação dos conteúdos curriculares, foi uma outra subcategoria importante para dar resposta a uma das perguntas de partida desta investigação. De acordo com o diretor e professor de educação financeira, era bom que houvesse uma articulação entre as diversas disciplinas, dado que há uma certa tendência para que as disciplinas nas escolas e os departamentos das universidades estejam muito estanques, sendo este um dos obstáculos à transversalização, o entrevistado acrescenta ainda que a *“tentativa de ir às outras disciplinas e obrigar, por exemplo se eu agora dissesse para os alunos de música tem de se reformular o currículo e têm de ter noções de educação financeira, isto é forçado, mas se dava jeito dava, então para isso podemos ter atividades que eles possam frequentar. A educação financeira deve ser uma coisa que leve as pessoas a interessarem-se e ganham com isso”*, ou seja, o entrevistado acredita que a educação financeira e a temática do empreendedorismo deve continuar a ser vista como uma atividade de enriquecimento curricular e não como uma disciplina obrigatória, assim sendo, não se deve proceder a uma reformulação do currículo escolar.

O “empreendedorismo em Portugal” foi outras das subcategorias abordadas, o entrevistado afirma que Portugal pode ser considerado um país empreendedor, dando o exemplo do 25 de Abril, uma vez que as população estava a enfrentar uma crise imensa as pessoas tiveram de arranjar alternativas para conseguir sobreviver e obter algum rendimento económico, *“eu nunca vi, sem ninguém ensinar nada disso, as iniciativas que se tomaram para fazer coisas diferentes”,* aproveitavam as oportunidade e este *“tipo de atitude é muito português, se for bem canalizado eu acho que é excepcional”*. No entanto, apesar de Portugal ser um país empreendedor, não existem os mecanismos adequados para apoiar estas iniciativas *“por isso é que eu acho que esta formação, dando-lhe mais seriedade, era uma coisa importante, porque muita gente iria reorganizar a vida, há pessoas que são empreendedoras mas que não têm o mínimo de formação económica para lidar com as atividades que estão a fazer”*.

A última subcategoria de análise diz respeito aos “empreendedores”, isto é, se todos os indivíduos podem ser empreendedores, o entrevistado refere que considera que todos os indivíduos podem ser empreendedores mas *“se não tiverem a motivação inata de serem proativos não é fácil (...) tem de ter alguma coisa de proatividade e curiosidade, curiosidade para aprender e proatividade para fazer. É um indivíduo que toma uma iniciativa, e de um coisa qualquer faz um negócio onde pode ganhar dinheiro (...) para mim o empreendedorismo é uma característica nata, as pessoas têm ou não têm, há pessoas que têm jeito para fazer daquilo uma maneira de vida. Há pessoas que gostam mas não vivem disso, agora eu posso caracterizá-lo como empreendedor? Posso, porque ele é empreendedor, não teme fazer uma coisa que nunca fez e nunca teve uma educação para o fazer, se calhar viu fazer e tenta copiar. Não há um curso para se ser empreendedor. Empreender é fazer coisas (...) um indivíduo que não tem medo de errar, isso para mim é um empreendedor, um indivíduo que arrisca (...) conceitos de economia sim, conceitos de sociologia sim, depois o empreendedorismo ou tens ou não tens”*. Ao longo desta resposta é possível observar que os conceitos defendidos pelo docente apresentam uma visão muito negocial, principalmente quando aborda a questão do dinheiro, esta perspetiva deveria assumir uma outra vertente, dado que estes conhecimentos são transmitidos a crianças, e aqui pode surgir a ideia de que o empreendedorismo serve apenas para gerar algum tipo de rendimento. O entrevistado defende ainda que não existe um curso específico para tornar um indivíduo num indivíduo empreendedor, que o mais importante é ter bases de outras áreas, e depois sim surge o empreendedorismo como um complemento.

2.3. Entrevistas às professoras de 1º Ciclo

Na fase inicial das entrevistas dirigidas às professoras de 1º ciclo da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, optou-se por fazer um “diagnóstico” em relação à literacia empreendedora.

A Entrevistada 1, é a professora do 4º ano de escolaridade da Escola do Conservatório de Música da Covilhã e professora titular dos alunos entrevistados. A professora definiu o empreendedorismo como a criação de ideias para a construção de um novo emprego, empresa ou negócio (E1). A Entrevistada 2, professora de 1ºCiclo da Escola do Conservatório de Música da Covilhã e membro do conselho pedagógico, encara o empreendedorismo com ter a *“liberdade de pensarmos numa ideia e tentarmos realmente levá-la a avante (...) tentarmos construir algo com essa ideia que nós temos, por vezes que se encontra assim escondida na nossa cabeça”*.

Após a definição de empreendedorismo, procurou-se obter uma breve explicação em relação ao que consideravam ser uma pessoa empreendedora. A Entrevistada 1 frisou que é uma *“pessoa que tem vontade de atingir objetivos para além do básico (...) é uma pessoa ativa (...) é uma pessoa que tem objetivos, que não se fica só por um mero emprego, vai além disso”*. A Entrevistada 2 mencionou que *“ser empreendedor é tentar levar uma ideia nossa avante (...) é uma pessoa que não tem receio de arriscar”*.

A próxima subcategoria faz referência à “adaptação dos conteúdos curriculares”. Ambas as entrevistadas (1 e 2) mencionam que há coisas que podem ser alteradas (E1), a Entrevistada 2 refere que os currículos não *“estão adaptados à realidade das crianças que nós temos. Os currículos estão mesmo feitos para quem não está no ativo, é a minha conclusão, e há muito tempo que sinto isso”*. É importante salientar que esta categoria também se encontra presente na tabela de análise à entrevista realizada ao diretor da escola e professor de educação financeira, o entrevistado também partilha a mesma ideia de que se deveria proceder a uma adaptação dos conteúdos curriculares no sentido de existir uma maior articulação entre as disciplinas, no entanto esta adaptação não deve ser encarada como uma obrigação.

O impacto do empreendedorismo na formação das crianças foi outra das subcategorias de análise das entrevistas realizadas às professoras de 1º ciclo da Escola do Conservatório de Música da Covilhã. Ambas as entrevistadas (1 e 2) afirmam que é essencial na formação das crianças, uma vez que o empreendedorismo *“transversal (...) faz parte da vida diária, do quotidiano”* (E1).

Quando questionadas acerca do empreendedorismo no panorama nacional, a Entrevistada 1 diz que Portugal está a evoluir e está a existir uma consciencialização das pessoas em relação à importância do empreendedorismo, no entanto *“ainda temos um longo caminho a percorrer”*. A Entrevistada 2 partilha a mesma opinião que a Entrevistada 1, que *“estamos a dar os primeiros passos”*.

Quando questionadas se todos os indivíduos podem ser empreendedores, tanto a Entrevistada 1 como a Entrevistada 2 respondem que sim, que *“todos têm essas capacidades, precisam é de estar despertos para elas” (E1)*, *“às vezes só precisamos de um clique” (E2)*. As respostas obtidas pelas professoras de 1º ciclo refutam a ideia partilhada pelo diretor da escola, isto é, o diretor afirma que a iniciativa tem de partir do próprio indivíduo, e que nem todos têm capacidade para empreender.

A categoria “Educação Financeira”, foi constituída para que se pudesse obter uma perspetiva das professoras sobre o funcionamento e importância das aulas de educação financeira. Em relação à *“inclusão no plano curricular”* da educação financeira, a Entrevistada 1 relata que a educação financeira *“deveria continuar a ser um atividade extracurricular”*, no entanto *“se fosse obrigatório não lhes fazia mal nenhum, até mesmo estender a outros anos” (E1)*. Já a Entrevistada 2 refere que apesar desta disciplina ser uma atividade de enriquecimento curricular, na Escola do Conservatório de Música da Covilhã, todos os alunos desta turma estão inscritos nesta aula, ainda assim, afirma que *“podia fazer parte das competências curriculares e da área curricular das crianças”*.

Assim como na entrevista realizada ao diretor da escola e professor de educação financeira, também as professoras confirmaram a existência de uma articulação entre disciplinas por parte dos alunos, principalmente na disciplina de matemática. As professoras encaram a educação financeira como uma *“disciplina transversal às outras”*.

Quando questionadas se a educação financeira é a melhor forma de introduzir o empreendedorismo, a Entrevistada 1 afirma que o *“empreendedorismo está associado à educação financeira”*. Nas respostas dadas pelos entrevistados, o empreendedorismo encontra-se muito ligado à vertente económica e à criação de negócios, daí referirem que este se encontra diretamente relacionado com a educação financeira. A Entrevistada 2 frisa que o nome da disciplina não é o mais importante mas sim a forma como se aborda a temática do empreendedorismo. A professora acrescenta que o importante é *“deixá-los explorar, deixá-los dar asas aos seus projetos, é dar-lhes um caminho, pelo menos nestas idades que são as idades que nós trabalhamos, é preciso dar-lhes um caminho orientador”*. Aqui está presente um aspecto contraditório no sentido em que o objetivo é dar liberdade aos alunos para explorar os seus projetos, no entanto é necessário dar-lhes um caminho orientador, deste modo os alunos são de certa forma restringidos.

As “vantagens/desvantagens” é uma outra subcategoria, em que o objetivo é analisar tal como o nome indica as vantagens e desvantagens da disciplina de educação financeira para alunos do 1º ciclo. Ambas as entrevistadas (1 e 2) não mencionam nenhuma desvantagem da aplicação desta atividade de enriquecimento curricular para alunos do 4º ano de escolaridade. A Entrevistada 2 afirma que os alunos aprendem como chegar à concretização dos seus objetivos.

O “feedback”, é uma categoria que está presente em todas as tabelas de análise das entrevistas, visto que é fundamental para analisar o impacto da educação financeira não só nos alunos como na comunidade escolar. Nestas entrevistas, o foco está no feedback da comunidade escolar. Ambas as Entrevistadas (1 e 2), gostam da ideia dos alunos terem acesso a uma disciplina completamente diferente das restantes. Os alunos têm contacto com conteúdos úteis para a vida futura, a Entrevistada 1 afirma que esta atividade de enriquecimento curricular *“veio mudar a forma deles de pensar (...) acho que os fez crescer (...) os miúdos são muito materialistas, querem tudo e não pensam nos encarregados de educação ou nos pais, que às vezes alguns têm diversas limitações, ou seja, eu acho que isso os fez crescer e conhecer um bocadinho mais como é que na realidade é a vida”*. A Entrevistada 2, acrescenta que os alunos levam a educação financeira *“mesmo à séria e ficam muito motivados. Eu acho que é bom, porque eu acho que lhes transmite segurança, confiança, acho que os ajuda a perceber que podem sonhar, porque as coisas podem não ser só sonhos”*.

A última categoria, incide sobre o “Projeto da Troca Circular”. A Entrevistada 1, não esteve presente no dia do evento, mas uma vez que esteve com os alunos nos dias que antecederam a feira, pôde observar que os alunos *“eles estavam super entusiasmados e motivados (...) foi uma atividade muito interessante”*. Por sua vez, a Entrevistada 2, que esteve presente na feira do “Projeto da Troca Circular”, garante que as crianças estavam muito motivados e que levaram este evento muito a sério.

3. Discussão dos resultados

Esta investigação pretendia analisar empiricamente como é que uma educação promotora do empreendedorismo contribui para a capacitação de crianças, através da análise dos conteúdos curriculares, das características desenvolvidas nas crianças e da eficácia dos programas de empreendedorismo com crianças.

O caso que tive oportunidade de acompanhar consiste numa disciplina de educação financeira e os resultados mostram que os alunos que compõem a turma do 4º ano de escolaridade da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, demonstraram sempre

uma grande vontade em participar nas aulas de Educação Financeira e com um grande envolvimento nas atividades dinamizadas pela escola, as crianças estavam sempre dispostas em aprender conceitos novos. As crianças estavam sempre cientes daquilo que tinham abordado nas aulas anteriores, e ficavam ansiosas em relação às aulas seguintes. Nas aulas de preparação da atividade do Projeto da Troca Circular, os alunos quando não terminavam os trabalhos que estavam a realizar, como o caso da elaboração do símbolo da turma que iria estar exposto no dia do evento, referiam que iam solicitar a colaboração da professora de artes plásticas para ver se poderiam adiantar o trabalho realizado nas aulas de Educação Financeira. A cada aula os alunos partilhavam novas ideias e desenhos de forma a exprimirem essas mesmas ideias. O facto de não existir uma avaliação quantitativa, contribuiu para o entusiasmo e motivação das crianças perante as atividades que lhes são propostas.

Os estudos de Lavieri (2010) e Marnoto & Carvalho (2018), apelavam ao desenvolvimento destas mesmas competências, para que as crianças se sintam motivadas e preparadas para enfrentar os obstáculos presentes na sociedade. E as aulas de educação financeira funcionam muito neste sentido, os alunos eram confrontados e colocados a pensar sobre a realidade e sobre os assuntos da atualidade, o professor não seguia um programa específico para lecionar as aulas, tudo era feito de acordo com o ritmo das crianças. Posto isto, surgiam questionamentos a respeito da sociedade (Wu & Chen, 2019). Estes questionamentos, encontravam-se relacionados a questões económicas, e iam desde o processo da utilização do dinheiro até às razões pelas quais as pessoas não tinham todas as mesmas condições socioeconómicas.

Tendo como base os resultados obtidos através da observação participante e das entrevistas é possível inferir que o tipo de empreendedorismo abordado na Escola do Conservatório de Música da Covilhã, é um empreendedorismo direcionado para a área dos negócios, sendo que o empreendedorismo não contém apenas uma vertente social como também uma vertente económica (Dornelas, 2008). No entanto, o empreendedorismo direcionado para a área dos negócios é o mais praticado.

No que concerne à adaptação dos currículos escolares, isto é, se o empreendedorismo deveria ser considerado uma disciplina obrigatória ou uma atividade de enriquecimento curricular. Após a análise das respostas dos docentes da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, estes defendem a ideia de que o empreendedorismo deve ser encarado e trabalhado como uma atividade de enriquecimento curricular, isto é, deve continuar a ser uma opção e não uma obrigação. A aula de educação financeira não segue nenhum programa obrigatório, tudo o que foi feito foi discutido com os alunos.

É interessante constatar que a opinião dos alunos, da comunidade educativa e dos encarregados de educação converge num ponto fundamental, que é o impacto que esta atividade de enriquecimento curricular terá no futuro destas crianças. É manifestada a ideia de que esta atividade veio alterar a forma de pensar dos alunos, e que os conteúdos lecionados em contexto de sala de aula serão úteis e importantes para o futuro das crianças. Este feedback vai de encontro à opinião defendida pelos especialistas em educação infantil, de que o desenvolvimento de atitudes empreendedoras e das competências pessoais constitui uma mais valia para a formação dos alunos, tendo impacto não só na sua vida pessoal como no futuro (Lavieri, 2010).

Em relação ao Projeto da Troca Circular, este foi um projeto pensado e criado pela escola com o objetivo de promover e disseminar o empreendedorismo, sendo este objetivo bem sucedido. Esta iniciativa utilizou as ideias debatidas entre os alunos no decorrer das aulas de educação financeira, dado que a temática era a da economia circular e as crianças tiveram a oportunidade de aplicar os conhecimento adquiridos ao longo do ano lectivo não só na preparação deste projeto, como também no dia do evento. O desenvolvimento deste tipo de atividade é crucial para a disseminação e expansão da cultura empreendedora, que faz com os alunos estejam em contacto com a realidade e reflitam acerca das temáticas abordadas nas aulas de educação financeira e acerca das suas atitudes e ações (Brandão et. al., 2018; Fejes, Nylons & Wallin, 2019; Ferreira & Miguel, 2020).

Relativamente às implicações práticas, a atividade de enriquecimento curricular de educação financeira adotada pela Escola do Conservatório de Música da Covilhã pode ser encarada como uma ferramenta importante na formação de crianças, uma vez que, para além de ter sido bem aceite pelos alunos e ter obtido resultados positivos com a sua implementação, também são desenvolvidas competências essenciais que são transversais a qualquer área de trabalho.

No entanto, o trabalho desenvolvido com as crianças em relação à temática do empreendedorismo e da educação financeira está apenas no início, ou seja, ainda é prematuro afirmar que é uma atividade indispensável e que vai ter impacto a longo prazo.

Considerações Finais

Apos a realização da investigação empírica, é fundamental refletir acerca da revisão de literatura apresentadas e dos dados recolhido, para que se possam retirar as principais conclusões.

O ponto de partida desta investigação foi o de perceber de que forma é que uma educação baseada no empreendedorismo tem impacto na capacitação de crianças, com a finalidade de analisar as características e competências que foram desenvolvidas nas crianças, abordar a alteração e/ou adaptação dos conteúdos curriculares e a eficácia dos programas de ensino do empreendedorismo nos alunos.

Devido ao crescente interesse pelo temática do empreendedorismo, a educação para o empreendedorismo já é uma prática em Portugal, no entanto, é uma área relativamente recente e ainda há muito por descobrir. Este método educativo, é importante no desenvolvimento das competências individuais e grupais dos alunos, entres estas o trabalho em equipa, a criatividade, a identificação de oportunidades, a resistência ao fracasso, o desenvolvimento do espírito de liderança e de iniciativa, a assunção dos riscos, a organização e a promoção da autoconfiança, autonomia e o poder de decisão. É apologista de aulas e atividades mais dinâmicas, onde os alunos são estimulados e confrontados com temáticas reais e de grande interesse para a sociedade. Apesar de os estudos que foram realizados acerca da educação para o empreendedorismo com crianças, ainda não há um consenso acerca da eficácia dos programas de empreendedorismo com crianças.

A partir da análise dos dados recolhidos pela investigação através da observação participante, das entrevistas e posteriormente a triangulação dos dados. Apesar de ser apenas um caso de estudo, foi feito um estudo aprofundado e triangulado. Deste modo, foi possível inferir que uma educação voltada para o empreendedorismo tem um impacto positivo na formação das crianças.

As considerações obtidas através da componente teoria e da componente prática, revelam que o significado atribuído ao empreendedorismo é o empreendedorismo focado na criação de um negócio e obtenção de lucro, sendo também mencionadas as características pessoais e sociais associadas ao indivíduo empreendedor, tais como a proatividade, a curiosidade, a criatividade, o espírito de iniciativa, não tem medo de errar, arrisca e que ajuda outras pessoas; o empreendedorismo deve continuar como uma atividade de enriquecimento curricular e não como uma disciplina obrigatória nos currículos escolares e que o empreendedorismo não pode ser aprendido, e é uma característica inata dos indivíduos.

No caso em particular da Escola do Conservatório de Música da Covilhã, os professores já se encontram a adotar novos modos de atuação, estão dispostos a optar por um método de ensino que se desvia do tradicional, onde o aluno assume o papel principal na sua aprendizagem e aprende através de atividades criativas e inovadoras. Estas constatações demonstram que este método de ensino pode vir a ser uma opção em mais instituições de ensino. Estes factores refletem-se na motivação com que os alunos iam para a aula de educação financeira. Estas crianças estavam sempre entusiasmadas, motivadas e participativas, tendo a plena noção da importância que os conteúdos abordados na aula de educação financeira, teriam ao longo do seu crescimento e no seu futuro.

Espera-se que a informação da presente investigação contribua para a disseminação da educação para o empreendedorismo, tendo como base o posicionamento não dos professores como das próprias crianças em relação a esta temática.

Apesar destes resultados, este estudo também apresenta uma limitação, mais concretamente em relação à amostra. Uma vez que as entrevistas foram feitas após a observação participante das aulas de educação financeira, a maioria dos alunos já não se encontrava na Escola do Conservatório de Música da Covilhã, assim sendo, seria interessante obter um maior número de entrevistas aos alunos, com o intuito de obter uma perspetiva individual de mais crianças.

Apresentadas as limitações, importa pensar nas futuras linhas de investigação. Era essencial, desenvolver um estudo que fizesse uma análise com maior precisão relativamente à eficácia dos programas educação para o empreendedorismo com crianças. Além disso, seria interessante analisar a perspectiva das escolas públicas em relação à inclusão do empreendedorismo nos currículos escolares, dado que a escola onde foi aplicado este estudo é uma escola privada. Sobre a educação para o empreendedorismo, ainda há muito para dizer, assim sendo, seria adequado a realização de uma investigação focada na aplicação do empreendedorismo nos restantes níveis de ensino, entre estes o 2^o e 3^o ciclo de escolaridade, assim como no ensino secundário.

Bibliografia

Alves, Catarina, Felgueira, Teresa e Paiva, Teresa (2018), “Competências Empreendedoras” em Pedro Parreira et. al., *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*, Portugal, pp.65-76.

Agostinho, Rute Antunes, Rodrigues, José Cavaleiro e Rodrigues, Joana de Lemos (2019), “O Desenvolvimento de Competências no Quadro dos Programas de Formação para o Empreendedorismo”, comunicação apresentada na 9^o Conferência FORGES, Brasília.

Augusto, Amélia (2014), “Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência”, *Fórum Sociológico*, vol. 24, pp.73-77.

Azevedo, Vanessa, Carvalho, Margarida, Fernandes-Costa, Flávia, Mesquita, Soraia, Soares, Joana, Teixeira, Filipa e Maia, Ângela (2017), “Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios”, *Revista de Enfermagem Referência*, IV (14), pp. 159-172.

Barbosa, Lucas Oliveira e Costa, Túlio, Vieira Bassi (2015), *Perfil Empreendedor: um estudo sobre as características do perfil empreendedor*, Brasil, Universidade Federal Fluminense. (Dissertação de mestrado em Administração).

Brandão, Carlos, Paiva, Teresa e Saraiva, Helena (2018), “A Europa e o Empreendedorismo” em Pedro Parreira et. al., *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo* (pp.15-32). Instituto Politécnico da Guarda.

Bogard, G. (1997), “Para uma educação socializadora dos adultos (pontos-chave para uma reflexão)”, em Lys Samartino e Maria de Carvalho Torres (orgs.), *Educação de Adultos*, Lisboa, Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Recorrente e Extra-Escolar, pp.93-101.

Briceño-León, Roberto (2003), Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais, em Goldenberg, P., Marsiglia, Rmg, e Gomes, Mha (orgs.), *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em Ciências Sociais e Saúde*, Rio de Janeiro, pp.157-183.

Carvalho, Ana M. A., Beraldo, Katharina E. A., Pedrosa, Maria Isabel e Coelho, Maria Teresa (2014), “O Uso de Entrevistas em Estudos com Crianças”, *Psicologia em Estudo*, 9 (2), pp. 291-300.

Castro, Carmen Daniela Cunha (2021), *Impacto do COVID-19 na atividade empreendedora em Portugal*, Porto, Instituto Politécnico do Porto. (Dissertação de mestrado em Empreendedorismo e Internacionalização).

Centro Educativo Alice Nabeiro (2019), *Ter ideias para mudar o mundo: manual para treinar o empreendedorismo em crianças dos 3 aos 12 anos*, 4ª edição, Campo Maior: Coração Delta : Centro Educativo Alice Nabeiro.

Chaves, Maria do Rosário Rito e Melo (2009), *Empreendedorismo na Escola: A Emergência de um outro Paradigma na Educação/Formação*, Porto, Universidade do Porto. (Dissertação de mestrado em Sociologia).

Chizzotti, António (2003), “A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios”, *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), pp. 221-236.

Coan, Marival (2013), “Educação para o Empreendedorismo como Estratégia para Formar um Trabalhador de Novo Tipo”, *Revista Labor*, 9 (1), pp.1-18.

Comissão Europeia (2006), “Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem”, comunicação apresentada ao Conselho Europeu, Parlamento Europeu, Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, Bruxelas, Bélgica, fevereiro de 2006.

Comissão Europeia (2013), “Educação para o empreendedorismo- Guia para Educadores”. Bélgica: Unidade: Empreendedorismo 2020, Direção-Geral das Empresas e da Indústria Comissão Europeia.

Costa, Maria Teresa Gomes da, Carvalho, Luísa Cagida (2011), “A educação para o empreendedorismo como facilitado da inclusão social: um caso no ensino superior”, *Revista Lusófona de Educação*, 19 (19), pp. 103-118.

Dees, J. Gregory (2001), “O significado do “Empreendedorismo Social”. Stanford: Graduate School of Business.

Delors, J. et al. (1996), *Educação um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Portugal, Ministério da Educação e do Desporto.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (Eds.). (2006). “Educação para a Cidadania- Guião de Educação para o Empreendedorismo”. Lisboa: Dezembro 2006.

Direção-Geral da Educação et al. (2022), “Referencial de Educação para o Empreendedorismo- Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário”. Lisboa: Ministério da Educação.

Dolabela, Fernando (2008), *Oficina do Empreendedor. A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. Rio de Janeiro, Sextante.

Dornelas, José Carlos Assis (2008), *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*, Rio de Janeiro, Elsevier: campus.

Duarte, Carlos, e Esperança, José Paulo, (2012). *Empreendedorismo e Planeamento Financeiro - Transformar oportunidades em negócios. Criar micro, pequenas e médias empresas*, Lisboa, Edições Sílabo.

Fejes, Andreas, Nylund, Mattias e Wallin, Jessica (2019), “How do teachers interpret and transform entrepreneurship education?”, *Journal of Curriculum Studies*, 51 (4), pp. 554-566.

Ferreira, Hélder Filipe Rodrigues (2014), *Sensibilização e capacitação de jovens adultos desempregados para o empreendedorismo*, Coimbra, Universidade de Coimbra. (Relatório de estágio no âmbito do mestrado em Sociologia).

Ferreira, Andreuma Guedes e Miguel, Joelson Rodrigues (2020), “ A Importância da Educação Empreendedora nos Processos de Ensino e Aprendizagem”, *Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14 (50), pp. 331-351.

Gartner, William (1989), “Who is an entrepreneur? Is the wrong question”, *Entrepreneurship Theory and Practice*, 13 (4), pp. 47-68.

Gautam, Manisk Kumar, e Singh, Sunil Kumar (2015), “Entrepreneurship Education: Concept, Characteristics and Implications for Teacher Education”, *Shaikshik Parisamvad: International Journal of Education*, 5 (1), pp. 21-35.

Global Entrepreneurship Monitor (2019/2020), *Estudo de Avaliação sobre as Dinâmicas Empreendedoras em Portugal*, Projeto GEM Portugal.

Gomes, Danilo Cortez e Silva, Luciano Alexandre de Farias (2018), “Educação Empreendedora no Ensino Profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino”, *HOLOS*, 34 (1), pp. 118-139.

Gonçalves, V. (2009), “*Empreendedorismo: do ensino básico ao ensino superior*”, comunicação apresentada ao X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Bragança, Instituto Politécnico de Bragança, abril de 2009.

Jack, Sarah L. e Anderson, Alistair.R., (1999), “Entrepreneurship Education within the enterprise culture- Producing reflective practitioners”, *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 5 (3), pp. 110-125.

Kuratko, Donald F. (2003), *Entrepreneurship Education: Emerging Trends and Challenges for the 21 st Century*, White Paper Series, Chicago, IL, Coleman Foundation.

Lamas, Marco Aurélio Ribeiro (2012), *Educação e Empreendedorismo: Uma Análise Teórica e Etnográfica da Relação*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, tese de doutoramento em Teoria da Educação, História da Educação e Pedagogia Social.

Lavieri, Carlos (2010), “Educação...empreendedora?”, em Rose Mary A. Lopes (org.), *Educação empreendedora: conceitos, modelo e práticas*, Brasil, Elsevier, pp. 1-54.

Lindner, Johannes (2018), “Entrepreneurship Education for a Sustainable Future”, *Discourse and Communication for Sustainable Education*, 9 (1), pp. 115-127.

Lopes, Ana Rita Pereira Simões (2013), *Literacia Empreendedora: Impacto da implementação de um programa de empreendedorismo na escola*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, dissertação de mestrado em Psicologia.

Marconi, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria (2002), *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*, São Paulo, Atlas.

Marnoto, Sandra e Carvalho, João M. S. (2018), “Desenvolvimento de Competências Empreendedoras na Idade Pré-Escolar”, em Alexandre Shigunov Neto e Ivan Fortunato (org.), *O Ensino do Empreendedorismo: passado, presente, perspectivas*, São Paulo, Edições Hipótese, pp. 103-114.

May, Tim (2004), *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*, Porto Alegre, Artemed.

Mendes, Ana Rita de Oliveira (2007), “Apontamentos sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal”, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (3), pp. 285-298.

Minayo, Maria Cecília de Souza e Costa, António Pedro (2018), “Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa”, *Revista Lusófona de Educação*, 40, pp. 139-153.

Mogollón, R., et al. (2015) "Global Entrepreneurship Monitor - Relatório Executivo 2014/15. Euroace", Fundación Xavier Salas.

Monteiro, Alcides (2019), “O que é a Inovação Social? Maleabilidade Conceitual e Implicações Práticas”, *DADOS- Revista de Ciências Sociais*, 62 (3), pp. 1-34.

Proença, Sara, Parreira, Pedro (2018), “Global Entrepreneurship Monitor (GEM): Condições estruturais do empreendedorismo em Portugal”, em Pedro Parreira et. al., *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*, Portugal, Instituto Politécnico da Guarda, pp. 75-89.

Palinhas, Maria João Bucho (2010), *Ensino de Empreendedorismo a Crianças*, Covilhã, Universidade da Beira Interior. (Dissertação de mestrado em Gestão).

Parreira, Pedro, Pereira, Francisco Costa, e Brito, Nuno Vieira (2011), *Empreendedorismo e Motivações Empresariais no Ensino Superior*, Lisboa, Edições Sílabo.

Quivy, Raymond, e Campenhoudt, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais- Trajetos*, 2o Edição, Lisboa, Gradiva.

Redford, Dana T. (2013), *Handbook de Educação em Empreendedorismo no Contexto Português*. Porto:Universidade Católica do Porto.

Relatório Eurydice (2016), *Educação para o Empreendedorismo nas Escolas Europeias*, Comissão Europeia. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.

Rushing, Francis W., (1990), “Entrepreneurship and Education”, em Calvin A. Kent, Entrepreneurship Education: current developments, future directions, USA, pp. 29-39.

Santos, Marco Paulo de Sousa (2014), *Projetos de Empreendedorismo nas Escolas- Impactos nos Alunos e na Organização Escolar*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (Dissertação de mestrado em Educação).

Sarmiento, Manuel Jacinto (2000), “Os Múltiplos Trabalhos da Infância”, Braga, Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho.

Silva, Eugénio Alves da (2013), “As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais”, *Revista Angolana de Sociologia*, vol.12, pp.77-99.

Silva, Eduardo Sá e Monteiro Fátima (2014), *Empreendedorismo e Plano de Negócios- 2ª Edição Revista e Atualizada*, Lisboa: Grupo Editorial Vida Económica.

Soares, Natália (2005), *Infância e Direitos: participação das crianças nos contextos de vida – Representações, Práticas e Poderes*, Braga, Universidade do Minho, tese de doutoramento em Estudos da Criança.

Teixeira, Cláudia Manuela Mendes (2012), *Educação para o Empreendedorismo*, Coimbra, Universidade de Coimbra. (Dissertação de mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo).

Volkman, C. (2004), “Entrepreneurial studies in higher education”, *Higher Education in Europe*, 29 (2), pp. 177-185.

Wu, Hsin- Te, & Chen, Mu-Yen, (2019)., “Course design for college entrepreneurship education- from personal trait analysis to operation in practice”, *Frontiers in Psychology*, 10 (1016), pp. 1-8.

Yurrebaso, Amaia, Cruz, Carla e Pato Lúcia (2018), “O perfil do empreendedor”, em Pedro Parreira et. al., *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*, Portugal, pp.77-97.

Apêndices

Apêndice 1

“O Jardim do Senhor Tobias”

“Era uma vez um senhor que se chamava Tobias. Quando o senhor Tobias chegava a casa, depois de sair do trabalho, pois ele era carpinteiro, sentava-se no sofá e, por vezes, adormecia. Quando ele adormecia pensava sempre na mesma coisa e quando acordava continuava a pensar na mesma coisa! O Tobias pensava em “construir” um jardim com muitas árvores e muitas flores num “bocado” de terra que estava todo sujo e abandonado perto da casa dele. Tantas vezes pensou no mesmo que decidiu começar a semear e a plantar árvores, plantas, flores maravilhosas... Depois de terem passado alguns meses o jardim estava lindo, tão lindo que as pessoas começaram a passear nesse maravilhoso jardim. Os seus vizinhos batiam-lhe à porta da sua casa para lhe darem os parabéns por ter “construído” sozinho um jardim tão belo. Então ele de tão contente que estava, quando se sentava no sofá pensava o que poderia fazer mais para ver as pessoas contentes e também para ele estar contente! Foi então que teve uma ideia brilhante: pensou que poderia ter na garagem na sua casa uma pequena loja de flores iguais às do jardim. E depois de muito trabalhar conseguiu abrir a sua própria loja. Vendeu imensas flores! Quase nem conseguia ter tempo para almoçar, de tantos colaboradores que tinha.

Como já andava tão cansado teve que pensar numa solução, pois já nem tinha tempo para semear novas flores. Depois de ter fechado a loja foi para casa e sentou-se no sofá e mais uma vez teve uma ideia brilhante. Pensou que iria construir uma “Fábrica” de flores. E lá foi o senhor Tobias resolver este assunto. Mas não foi fácil porque era uma ideia muito complicada de realizar. Mas ele não desistiu e conseguiu abrir a “fábrica das flores”. Lá trabalhavam muitas pessoas. O Tobias conseguiu realizar o seu sonho e ajudar outras pessoas a terem trabalho. O senhor Tobias continuou a inventar jardins maravilhosos. Os empregados da sua fábrica plantavam e semeavam as flores para que todos os jardins fossem lindíssimos.”

(Centro Educativo Alice Nabeiro, 2012)

Apêndice 2

Declaração de Consentimento Informado: Alunos



Apresentação e Objetivos da Entrevista

Tema do Estudo: “Educação para o Empreendedorismo: Capacitação de Crianças”

No âmbito do Mestrado em Empreendedorismo e Inovação Social da Universidade da Beira Interior, estou a realizar a minha dissertação de mestrado sobre a “Educação para o Empreendedorismo: Capacitação de Crianças”, sob orientação da Professora Doutora Catarina Sales Barbas de Oliveira.

O objetivo central da presente investigação é o de perceber de que forma é que o desenvolvimento de uma educação baseada no empreendedorismo tem impacto na capacitação de crianças e quais as características que foram desenvolvidas com este método de ensino.

A identidade do participante é confidencial e a informação obtida será utilizada única e exclusivamente para fins académicos.

Para os devidos efeitos declaro que tomei conhecimento da informação acima descrita e autorizo o meu educando a colaborar na investigação através da realização de uma entrevista com gravação áudio.

O(a) responsável legal do aluno(a)

(Assinatura)

Covilhã, ____ de _____ de 2022



Consentimento Informado

Eu, _____
autorizo o meu educando a participar de livre vontade no estudo da autoria de Inês Justino Antunes, aluna da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, orientado pela Professora Doutora Catarina Sales Barbas de Oliveira, no âmbito da dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Inovação Social.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo que constam no protocolo de consentimento informado anteriormente assinado por mim. Desta forma autorizo a recolha de informação, obtida através de uma entrevista e que efetue a gravação da mesma em suporte de áudio, com a única finalidade de transcrever a entrevista.

Entendo, ainda, que toda informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a identidade do meu educando nunca será revelada, a informação obtida será utilizada única e exclusivamente para fins académicos.

Para os devidos efeitos declaro que tomei conhecimento da informação acima descrita e autorizo o meu educando a colaborar na investigação através da realização de uma entrevista com gravação áudio.

O(a) responsável legal do aluno (a)

(Assinatura)

Covilhã, ____ de _____ de 2022

Apêndice 3

Declaração de Consentimento Informado: Professores e Direção



Apresentação e Objetivos da Entrevista

Tema do Estudo: “Educação para o Empreendedorismo: Capacitação de Crianças”

No âmbito do Mestrado em Empreendedorismo e Inovação Social da Universidade da Beira Interior, estou a realizar a minha dissertação de mestrado sobre a “Educação para o Empreendedorismo: Capacitação de Crianças”, sob orientação da Professora Doutora Catarina Sales Barbas de Oliveira.

O objetivo central da presente investigação é o de perceber de que forma é que o desenvolvimento de uma educação baseada no empreendedorismo tem impacto na capacitação de crianças.

A identidade do participante é confidencial e a informação obtida será utilizada única e exclusivamente para fins académicos.

Para os devidos efeitos declaro que tomei conhecimento da informação acima descrita e colaboro na investigação através da realização de um entrevista com gravação áudio.

O(a) entrevistado(a)

(Assinatura)

Covilhã, ____ de _____ de 2022



Consentimento Informado

Eu, _____
aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Inês Justino Antunes, aluna da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, orientado pela Professora Doutora Catarina Sales Barbas de Oliveira, no âmbito da dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Inovação Social.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo que constam do protocolo de consentimento informado anteriormente assinado por mim. Desta forma autorizo a recolha de informação, obtida através de uma entrevista e que efetue a gravação da mesma em suporte de áudio, com a única finalidade de transcrever a entrevista.

Compreendo que a presente investigação não me prejudica, tal como não me beneficia, podendo colocar todas as minhas dúvidas relacionadas com a investigação e que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento.

Entendo, ainda, que toda informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada, a informação obtida será utilizada única e exclusivamente para fins académicos.

Para os devidos efeitos declaro que tomei conhecimento da informação acima descrita e colaboro na investigação através da realização de um entrevista com gravação áudio.

O(a) entrevistado(a)

(Assinatura)

Covilhã, ____ de _____ de 2022

Apêndice 4

Guião de Entrevista para os Alunos

Identificação do entrevistado

Local e data da entrevista _____

Código de Identificação _____

Idade _____

Turma _____

Observações:

I. Literacia Empreendedora

1. O que é para ti o empreendedorismo?
2. O que consideras ser uma pessoa empreendedora?
3. Consegues dizer o que são competências empreendedoras?
 - 3.1. Se sim, quais?
4. Na tua opinião, todos os indivíduos podem ser empreendedores?
5. Na tua opinião deveriam existir mais programas e atividades ligadas ao empreendedorismo na escola?
 - 5.1. Se sim, porquê?

II. Disciplina de Educação Financeira

1. O que mais gostas nas aulas de Educação Financeira?
2. Qual é a tua opinião acerca das atividades desenvolvidas nesta disciplina?
 - 2.1. Qual foi a atividade que mais gostaste de fazer? E porquê?
3. O que aprendeste nesta disciplina contribui de alguma forma para a tua vida pessoal e profissional (confiança, criatividade, espírito de liderança, trabalho de equipa, lidar com o erro e com o fracasso, identificação de oportunidades, assunção de riscos)?

4. Já tinhas ouvido falar de empreendedorismo antes desta disciplina?

4.1. Se sim, onde?

5. Já participaste em atividades ligadas ao empreendedorismo fora da escola?

6. O que é que o teu encarregado de educação pensa acerca desta disciplina?

7. Gostavas de continuar a ter esta disciplina?

7.1. Se sim porquê? Se não, porquê?

8. Indica um aspecto que achas que deveria ser mudado para melhorar as aulas.

III. Projeto da “Troca Circular”

1. Qual a tua opinião sobre o Projeto da Troca circular?

2. Quais foram os pontos positivos e negativos da participação neste projeto?

3. O que poderia ter corrido melhor?

4. Quais os aspectos que alteravas?

IV. Perspectivas Futuras

1. Que profissão gostarias de ter no futuro?

2. Gostarias de ter uma profissão que estivesse ligada ao empreendedorismo?

Questão Aberta

Tem alguma observação ou sugestão que queiras acrescentar que não tenhas referido ao longo da entrevista e que desejes partilhar?

Apêndice 5

Guião de Entrevista para o Professor de Educação Financeira/Diretor da Escola

Identificação do Entrevistado

Local e data da entrevista _____

Código de Identificação _____

Cargo/Função _____

Observações:

I. Disciplina de Educação Financeira

1. Há quanto tempo leciona a disciplina de Educação Financeira?
2. Teve algum tipo de formação complementar para lecionar esta disciplina?
 - 2.1. Se sim, onde?
 - 2.2. Que tipo de empreendedorismo? (Empreendedorismo apenas voltado para a criação de negócios, empreendedorismo social...)
3. Como é que são lecionadas as aulas? (Através de debates/discussão, atividades mais dinâmicas, apresentação de conteúdos, casos de estudo)
 - 3.1. De que forma é que são transmitidos os conhecimentos do empreendedorismo a crianças e jovens?
4. Que conteúdos são abordados?
5. Acha que o empreendedorismo que ensinam é sobretudo de negócios? Se sim, qual a sua opinião sobre uma vertente mais social.
6. O empreendedorismo é apenas abordado em contexto de sala de aula?
7. Na sua opinião é essencial que os alunos tenham contacto com a realidade?
 - 7.1. Se sim, porquê?

8. Que tipo de materiais de apoio tem ao seu dispor? (Livros, materiais didáticos, materiais desenvolvidos por si)

9. Como é feito o processo de avaliação dos alunos?

10. Considera que o desenvolvimento de competências empreendedoras nas crianças constitui uma mais valia na sua formação? Porquê?

10.1. Como é que são desenvolvidas essas competências em contexto de sala de aula?

11. Os alunos aplicam os conhecimentos adquiridos na disciplina de Educação Financeira nas restantes disciplinas?

II. Motivos de Adesão

1. Quais os motivos que levaram a escola a adotar o empreendedorismo/educação financeira como uma atividade de enriquecimento curricular?

1.1 A iniciativa partiu da escola?

2. Já existiam os recursos humanos e materiais necessários para a implementação do programa de educação para o empreendedorismo?

2.1. Se sim, quais?

2.2. Se não, o que adquiriram?

3. Quais os objetivos da Escola do Conservatório de Música da Covilhã com a promoção do empreendedorismo?

III. Implementação

1. Como ocorreu o processo de implementação do empreendedorismo como atividade de enriquecimento curricular?

2. A escola beneficia de algum tipo de apoio? (Alguma entidade/pessoas externas, dispositivos pedagógicos externos, alguma parceria)

2.1. Se sim, que relações foram estabelecidas com o exterior?

3. Quais os obstáculos sentidos ao longo da implementação do projeto do empreendedorismo?

3.1 Ao nível dos recursos materiais e humanos

3.2. Qual a reação da comunidade escolar ao projeto? (Professores, auxiliares, alunos, funcionários, encarregados de educação)

IV. Efeitos da Implementação

1. Na sua opinião, que impacto é que a implementação de um programa baseado na educação para o empreendedorismo teve ou tem na escola e nos alunos?

1.1 Trouxe algum benefício/prestígio para a escola?

2. Considera que o empreendedorismo é necessário na formação de crianças e jovens? Porquê?

3. Na sua opinião, quais as vantagens da adoção de um novo modelo de educação, para a capacitação das crianças e jovens? E quais as principais dificuldades?

4. Dado que um modelo de educação para o empreendedorismo é encarado como um novo paradigma da educação, considera que seria essencial que todas as escolas desenvolvam atividades ou adotem este método? (Seja como disciplina no currículo escolar, atividade extra-curricular)

5. Na sua opinião, é necessário alterar e/ou adaptar os conteúdos curriculares?

6. Uma vez que em Portugal, são poucos os estabelecimentos de ensino a abordar o empreendedorismo no contexto escolar, e sendo que na maior parte dos casos elas grandes cidades, considera importante a existência de um método de ensino inovador no interior do país?

V. Perguntas Finais

1. Na sua opinião, o empreendedorismo deveria ser integrado nos currículos escolares como disciplina?

2. Considera os programas de ensino do empreendedorismo eficazes na capacitação de crianças e jovens?

3. De acordo com o seu ponto de vista, acha necessária adaptar e/ou alterar os conteúdos curriculares?

4. Considera Portugal um país empreendedor? E os portugueses possuem espírito empreendedor?

5. Na sua opinião existem mecanismos adequados e suficientes para apoiar iniciativas empreendedoras?
6. Na sua opinião todos os indivíduos podem ser empreendedores?

Questão Aberta

Tem alguma observação ou sugestão que queria acrescentar que não tenha referido ao longo da entrevista e que deseje partilhar?

Apêndice 6

Guião de Entrevista para os professores

Identificação do entrevistado

Local e data da entrevista _____

Código de Identificação _____

Cargo/Função _____

Observações:

1. O que é para si o empreendedorismo?
2. O que considera ser uma pessoa empreendedora?
3. Qual a sua opinião acerca da inclusão do empreendedorismo/educação financeira no plano curricular da Escola do Conservatório de Música da Covilhã?
4. Associar o empreendedorismo à educação financeira é na sua opinião a melhor forma de introduzir o empreendedorismo?
5. Uma vez que os alunos têm atividades relacionadas com o empreendedorismo, vê alguma diferenças nas crianças?
6. Na sua opinião, o empreendedorismo deveria ser integrado nos currículos escolares como disciplina?
7. Considera que o empreendedorismo é necessário na formação de crianças e jovens? Porquê?
8. Na sua opinião, quais as vantagens e desvantagens da adoção de um novo modelo de educação, para a capacitação das crianças e jovens?
9. De acordo com o seu ponto de vista, acha necessária adaptar e/ou alterar os conteúdos curriculares?
10. Qual a sua opinião acerca do Projeto da Troca Circular?
 - 10.1. Quais os aspectos positivos da realização deste tipo de atividade?

11. Considera que deveriam ser realizadas mais atividades como a do Projeto da Troca Circular?
12. Como caracteriza o desempenho dos alunos nesta atividade?
13. Considera Portugal um país empreendedor? E os portugueses possuem espírito empreendedor?
14. Na sua opinião todos os indivíduos podem ser empreendedores?

Questão Aberta

Tem alguma observação ou sugestão que queria acrescentar que não tenha referido ao longo da entrevista e que deseje partilhar?

Apêndice 7

Tabela de análise das entrevistas dos alunos

Categoria	Subcategoria	Respostas
Empreendedorismo	Definição	<p>E1: “o empreendedorismo é ajudar as pessoas com coisas que nós já não usamos, por exemplo roupas, brinquedos”</p> <p>E2: “Não sei muito bem dizer o que é o empreendedorismo”</p> <p>E3: “O empreendedorismo tem a ver com empresas. É uma empresa fazer negócio com outra empresa”</p>
	Indivíduo empreendedor	<p>E1: “É uma pessoa que ajuda as pessoas”</p> <p>E2: “Uma pessoa que gosta de aprender coisas novas”</p> <p>E3: “Uma pessoa que sabe trabalhar numa empresa”</p>
	Competências empreendedoras	<p>E1: “Não me lembro (...)”</p> <p>E2: “São características que uma pessoa tem de ter, como a curiosidade e o desempenho”</p> <p>E3: “(...) características para se trabalhar como empreendedor”</p>
	Empreendedor	<p>E1: “Sim (todas as pessoas podem ser empreendedoras), menos as pessoas que não têm dinheiro”</p> <p>E2: “Não, porque há pessoas que não querem aprender coisas novas, mas a maior parte sim”</p> <p>E3: “Nem todas (...)”</p>
	Atividades relacionadas com o empreendedorismo nas escolas	<p>E1: “Sim” (deveriam existir mais atividades relacionadas com o empreendedorismo nas escolas)</p> <p>E2: “Sim, porque por exemplo eu sou uma pessoa que gosta de aprender coisas novas, e quero aprender para realizar os meus sonhos. O meu sonho é criar uma marca (...)”</p> <p>E3: “Sim, porque ensinam as crianças”</p>
	Fora da escola	<p>E1: “Não, que eu me lembre não” (ouviu falar de empreendedorismo antes desta atividade “Não” (participou em atividades relacionadas com o empreendedorismo fora da escola)</p> <p>E2: “Sim, ouvi poucas vezes, mas não me lembro onde é que ouvi. Só sei que já ouvi falar nessa palavra” “Não”</p> <p>E3: “Não”</p>
Educação Financeira	Aulas (O mais gostam de fazer)	<p>E1: “Aprender a contar dinheiro e a vender coisas a pessoas”</p> <p>E2: “Aprender como é que eu tenho de pagar as coisas ou aprender a receber dinheiro, a resolver os problemas da vida (...)”</p> <p>E3: “De estar com o professor e das atividades (...)”</p>

	Atividades	<p>E1: “O Projeto da Troca Circular, porque usámos tudo o que aprendemos ao longo do ano”</p> <p>E2: “(...) Projeto da Troca Circular, porque estava a vender as minhas coisas e estava a ver as pessoas a dar um novo uso”</p> <p>E3: “O Projeto da Troca Circular, porque podia vender”</p>
Feedback	Alunos	<p>E1: “Muito divertidas (atividades) e gostei muito (...), gostava (de continuar a ter esta atividade), porque acho esta aula divertida e gosto de aprender educação financeira (...) gosto de ter a liberdade toda para falar e explicar as minhas ideias”.</p> <p>E2: “São giras, eu gosto. Porque eu gosto de coisas novas (...) e sim gostava de continuar a ter educação financeira, porque se eu quiser fazer alguma coisa da vida preciso desta disciplina (...) gostava de ter mais debates e mais atividades (...) gosto de ter a liberdade para falar”</p> <p>E3: “Gosto muito e gostava de continuar a ter esta disciplina”</p>
	Encarregados de Educação	<p>E1: “ (...) é bom ter esta disciplina e que o que aprendemos nesta disciplina vai ser importante para a nossa vida”</p> <p>E2: “ Que é importante, que eu tenho de saber isto, e que tenho de ter um bom desempenho na aula, porque é uma coisa importante para a vida”</p> <p>E3: “ Gostam da ideia (...)”</p>
Escola do Conservatório de Música da Covilhã	“Projeto da Troca Circular”	<p>E1: “Gostei muito, foi uma boa ideia (...) não tínhamos nenhum professor a ajudar na venda, fomos nós que fizemos tudo na venda dos produtos (...) fizemos muito dinheiro e vendemos muita coisa. Correu tudo bem”</p> <p>E2: “Gostei (...) vendia coisas para as outras pessoas usarem e recebemos dinheiro para ajudar a escola e para fazermos alguma coisa (...) gostava de ter conseguido chamar mais pessoas para comprar os produtos”</p> <p>E3: “Foi muito giro, porque podia comprar e vender as coisas (...) correu tudo muito bem”</p>
Perspetivas futuras	Profissão (Relacionada ao empreendedorismo)	<p>E1: “Sim, porque gosto de ajudar as pessoas que não têm dinheiro”</p> <p>E2: “Sim, quero criar a minha marca”</p> <p>E3: “Não”</p>
	Conteúdos aplicados na vida pessoal/profissional	<p>E1: “Sim”</p> <p>E2: “Sim vai, porque não há nada que não envolva dinheiro, se eu quiser ter comida preciso de dinheiro (...) e eu já usei o conhecimento que adquiri nesta disciplina numa atividade de A.T.L (Atividades de Tempos Livres), que foi no monopólio e eu consegui adquirir algumas coisas e tínhamos de fazer um leilão”</p> <p>E3: “Sim, porque sem educação financeira poderia não saber o valor do dinheiro”</p>

Apêndice 8

Tabela de análise da entrevista ao Diretor da Escola e professor de Educação Financeira

Categoria	Subcategoria	Respostas
Educação Financeira	Formação do professor	<p><i>“(...) fui professor de economia durante muitos anos (...). Não (formação complementar), há um guia do ministério para quem quiser ter uma ideia, porque há uma disciplina do ministério chamada Educação Financeira para jovens até ao fim do 1º ciclo (...)”</i></p>
	Como são lecionadas as aulas	<p><i>“Houve um pouco de tudo (debates, casos de estudo, atividades mais dinâmicas). Eu fiz uma coisa muito baseada nas perguntas deles, portanto eu deixava um tempo para eles falarem, perguntava o que é que eles achavam (...) eles começavam a falar (...) havia muita improvisação, coisas da história que eles não sabiam, e eu contava-lhes a história por detrás daquela situação eles adoravam (...) eles interessavam-se para ir ver outras coisas”</i></p>
	Programa/ Conteúdos	<p><i>“(...) diferença entre salário e vencimento, o que é a moeda, porquê que a moeda existe, quando é que começou (...) fui fazendo as aulas com base em história e depois dava-lhes algumas fichas dos cadernos que o ministério tem para eles começarem a resolver essas fichas (...) foi ao ritmo deles, nunca lhes impus uma matéria. O tema principal deste ano foi a economia circular (...) começamos pelas noções básicas (...) questão dos impostos, porquê que os preços no valor final têm o IVA, para quem vai o dinheiro dos impostos, porquê que os pais quando ganham um salário não é um salário todo líquido que trazem para casa, há parte que fica logo retida que são os impostos, se eles depositarem dinheiro num bancos tem custos. Falámos do que acontece no dia a dia. (...) eu não tenho de cumprir um programa, tenho de os pôr a pensar sobre os assuntos”</i></p>
	Vertente Social	<p><i>“A vertente mais social foi esta a da economia circular, foi exatamente para terem uma perspectiva social da economia, que não é tudo para comprar e deitar fora, eles têm coisas em casa que já não usam, por isso tragam e vamos reutilizá-las, dar-lhes a visão de que muita gente nem aquilo tem (...) foi falada como a maneira correta de encarar a economia”</i></p>

	Materiais de apoio	<i>“A escola não tinha cá nada, eu usei como guia esse manual por causa das fichas (...) nunca lhes dei material extra que não fosse feito por nós. (...) ao nível de manuais e de materiais há muita coisa na internet, não é necessário comprar nada, é ter imaginação, preparar as atividades e colocá-los a trabalhar”</i>
	Avaliação	<i>“A avaliação foi pelo interesse que eles demonstraram, é ver desde o ponto de partida até ao final, a evolução deles (...) avaliação comportamental, através da distinção daqueles que tinham muito interesse dos que tinham pouco interesse, a avaliação foi sempre qualitativa”</i>
	Articulação entre disciplinas	<i>“(...) em matemática é garantido, porque eu vi alunos que começaram a fazer as primeiras contas de divisão decimal (...) quando eles chegaram ao cálculo já sabiam fazer muito melhor (...). Se fui eu que lhes ensinei, claro que não, mas o que eu lhes ensinei deu-lhes uma informação que eles rapidamente utilizaram em outros contextos”</i>
Escola do Conservatório de Música da Covilhã	Motivos de adesão	<i>“Foi o professor. Eu perguntei às responsáveis pelos horários do primeiro ciclo e tínhamos de ter cinco atividades, uma por dia, as chamadas atividades de enriquecimento, e eu disse assim eu posso dar uma de educação financeira, tenho habilitações para isso e gostava de experimentar (...)”</i>
	Apoios	<i>“Não, mas este ano a minha ideia é candidatar um projeto juntamente com um banco ou com um hipermercado ou com uma entidade que possa custear algumas despesas e alguns serviços que sejam precisos, (...) grandes projetos, para já, ainda não, ainda não há uma tradição e essa cultura e também podemos arranjar projetos que possam vir a ser financiados por alguém e em conjunto arranjávamos financiamento (...).</i>
	Dificuldades na implementação da educação financeira	<i>“Para este nível (4º ano) não (...)”</i>
Efeitos da implementação	Prestígio	<i>“ (...) ao nível do prestígio da escola, é claro que se nós divulgarmos bem isto até é capaz de dar, sendo uma das únicas escolas a fazer isso, fica conhecida como tal”</i>

	Adoção do empreendedorismo como disciplina ou atividade de enriquecimento curricular	<i>“Eu acho que se as escolas pudessem, que o deviam fazer. Não vi nenhuma escola deste nível de 1º ciclo a especializar-se nisto. Isto é uma oferta. Mas se deveria ser obrigatória para todos?, é uma questão a ponderar. Se nós virmos que é muito útil, se calhar todos os alunos podem ter de passar por essa disciplina e deixa de ser uma opção, e passava a ser uma obrigação, mas é um assunto que ainda é cedo para discutir, mas se acho que vale a pena tentar, vale, se surtiu bons efeitos no primeiro ano com um grupo restrito de alunos, acho que sim”</i>
Feedback	Encarregados de Educação	<i>“O que me chega dos pais a reação é muito positiva”</i>
	Comunidade Escolar	<i>“ (...) até já me pediram, que era bom ter uma coisa destas no 2º ciclo, porque os miúdos não sabem fazer trocos e como os que estão agora no 2º ciclo não tiveram educação financeira (...) vejo os outros professores do ciclo a pedirem-me para não deixar de dar isso (educação financeira)”</i>
Empreendedorismo	Importância das competências empreendedoras	<i>“ (...) sim as competências são obviamente importantes, agora estar a fazer cursos disso, é complicado, é melhor dar-lhes os conceitos base da vida económica e social”</i>
	Adaptação dos conteúdos curriculares	<i>“É assim, nós podemos sempre meter um bocadinho de qualquer coisa, por exemplo no estudo do meio e no português (...), há uma certa tendência, e eu já passei por isso na faculdade, e a faculdade ainda está muito organizada corporativamente, os departamentos são muitos estanques, e depois surgiu o empreendedorismo e tiveram de lhe colocar o nome de empreendedorismo social, porquê?, é apenas empreendedorismo, eu queria discutir isto, porque eu dizia assim não faz sentido vocês estarem a colocar isso como social, todo o empreendedorismo é social, é uma iniciativa para a comunidade é social (...) portanto eu não te posso dizer que vamos desatar aí a fazer cursos de educação financeira, não sei se é importante (...). Agora a tentativa de ir às outras disciplinas e obrigar, por exemplo se eu agora dissesse para os alunos de música tem de se reformular o currículo e têm de ter noções de educação financeira, isto é forçado, mas se dava jeito dava, então para isso podemos ter atividades que eles possam frequentar. A educação financeira deve ser uma coisa que leve as pessoas a interessarem-se e ganham com isso”</i>

	Empreendedorismo em Portugal	<p><i>“Eu considero (Portugal um país empreendedor), e eu vivi isso no 25 de abril. O 25 de abril foi a melhor experiência social que eu tive (...) houve uma crise imensa, houve muitas fábricas que faliram, muita fuga de capital (...) eu nunca vi uma fase igual a essa, nas feiras, toda a gente começou a comprar as carrinhas de nove lugares, onde tiravam os bancos, metiam mercadorias e colocavam sapatos, camisolas e iam para as feiras vender e era daquilo que viviam (...) eu nunca vi, sem ninguém ensinar nada disso, as iniciativas que se tomaram para fazer coisas diferentes. Mas também podes ir para o lado mau da coisa que é o desenvolvimento de muitos negócios “chico esperto”, pessoas que viam um furo e compravam aqui para vender ali, mas era empreendedor, aproveitou a oportunidade, se tu vires um empreendedor como uma pessoa que aproveita oportunidades, sem juízos de valor, se aquilo é bom ou mau, se é legalmente constituído ou não. Este tipo de atitude é muito português, se for bem canalizado eu acho que é excepcional”</i></p>
	Mecanismos de apoio	<p><i>“Não (existem mecanismos adequados e suficientes para apoiar iniciativas empreendedoras), por isso é que eu acho que esta formação académica, dando-lhe mais seriedade, era uma coisa importante, porque muita gente iria reorganizar a vida, há pessoas que são empreendedoras mas que não têm o mínimo de formação económica para lidar com as atividades que estão a fazer”</i></p>
	Empreendedores	<p><i>“Podem ser empreendedores, mas se não tiverem a motivação inata de serem proativos não é fácil (...) podem ser, podem, mas a condição para ser empreendedor qual é?, eu acho que tem de ter alguma coisa de proatividade e curiosidade, curiosidade para aprender e proatividade para fazer, juntar as duas. É um indivíduo que toma uma iniciativa, e de um coisa qualquer faz um negócio onde pode ganhar dinheiro (...) para mim o empreendedorismo é uma característica nata, as pessoas têm ou não têm, há pessoas que têm jeito para fazer daquilo uma maneira de vida. Há pessoas que gostam mas não vivem disso, agora eu posso caracterizá-lo como empreendedor? Posso, porque ele é empreendedor, não teme fazer uma coisa que nunca fez e nunca teve uma educação para o fazer, se calhar viu fazer e tenta copiar. Não há um curso para se ser empreendedor. Empreender é fazer coisas (...) um indivíduo que não tem medo de errar, isso para mim é um empreendedor, um indivíduo que arrisca (...) conceitos de economia sim, conceitos de sociologia sim, depois o empreendedorismo ou tens ou não tens“</i></p>

Apêndice 9

Tabela de análise das entrevistas às professoras de 1º ciclo

Categoria	Subcategoria	Respostas
Empreendedorismo	Definição	<p>E1: “é criar ideias novas para a construção, neste caso, de um novo emprego (...) criação de uma empresa ou criação de um negócio”</p> <p>E2: “liberdade de pensarmos numa ideia e tentarmos realmente levá-la a avante, arranjar-mos nós próprios (...) tentarmos construir algo com essa ideia que nós temos, por vezes que se encontra assim escondida na nossa cabeça”</p>
	Indivíduo empreendedor	<p>E1: “É uma pessoa que tem vontade de atingir objetivos para além do básico (...) é uma pessoa ativa (...) é uma pessoa que tem objetivos, que não se fica só por um mero emprego, vai além disso”.</p> <p>E2: “ (...) ser empreendedor é tentar levar uma ideia nossa avante (...) é uma pessoa que não tem receio de arriscar”</p>
	Adaptação dos conteúdos curriculares	<p>E1: “Como está, está bem, mas há sempre coisas que podemos mudar”</p> <p>E2: “Tanto que havia para alterar, acho que sim. Nós continuamos com currículos que não estão adaptados à realidade das crianças que nós temos. Os currículos estão mesmo feitos para quem não está no ativo, é a minha conclusão, e à muito tempo que sinto isso”</p>
	Formação das crianças	<p>E1: “Acho que é essencial (...) o empreendedorismo é transversal (...) faz parte da vida diária, do quotidiano”</p> <p>E2: “Sim” (o empreendedorismo é necessário na formação de crianças e jovens)</p>
	Empreendedorismo em Portugal	<p>E1: “Eu acho que cada vez mais nós estamos a evoluir nesse sentido e as pessoas a consciencializarem-se que de facto o empreendedorismo é importante, e eu acho que sim, só que ainda temos um longo caminho a percorrer”</p> <p>E2: “Estamos a começar, ainda há um longo caminho a percorrer. Mas acho que já fomos menos do que agora, estamos a dar os primeiros passos”</p>
	Empreendedores	<p>E1: “Todos têm essas capacidades, precisam é de estar despertos para elas”</p> <p>E2: “Claro que sim (todos os indivíduos podem ser empreendedores), às vezes só precisamos de um clique”</p>


Educação Financeira	Inclusão no plano curricular	<p>E1: “Eu acho que deveria continuar a ser um atividade extracurricular (...) mas se fosse obrigatório não lhes fazia mal nenhum, até mesmo estender a outros anos”</p> <p>E2: “ (...) apesar de ser uma atividade extracurricular, aqui na nossa escola acabam por estar todos (os alunos) também. Mas eu acho que sim, que podia fazer parte das competências curriculares e da área curricular das crianças”</p>
	Articulação entre disciplinas	<p>E1: “(...) questão da matemática (...) é uma disciplina transversal às outras todas”</p> <p>E2: “Sim, sem dúvida”</p>
	Relação entre empreendedorismo e educação financeira	<p>E1: “O empreendedorismo está associado à educação financeira (...)”</p> <p>E2: “ O nome em si da disciplina, acho que não interessa muito, acho que é a forma como se aborda esta temática. É deixá-los explorar, deixá-los dar asas aos seus projetos, é dar-lhes um caminho, pelo menos nestas idades que são as idades que nós trabalhamos, é preciso dar-lhes um caminho orientador”</p>
	Vantagens/ desvantagens	<p>E1: “Eu não vi desvantagem nenhuma, por isso eu só considero que hajam vantagens (...)”</p> <p>E2: “Eu acho que não há desvantagens, acho que só tem vantagens. Acho que entendem conteúdos, que se nós formos ver a maturidade deles ainda não é (...) se nós falarmos é uma coisa e colocá-los a eles na prática é outra, e eles entenderem desde o princípio como é que se chega lá”</p>
Feedback	Comunidade escolar	<p>E1: “É maravilhoso (...) eles conseguiram aprender e ir além daquilo que era pretendido (...) eles conseguiram com a educação financeira ir buscar conhecimentos que eu acho que até mesmo para a vida lhes fizeram muito bem (...) veio mudar a forma deles de pensar (...) acho que os fez crescer (...) os miúdos são muito materialistas, querem tudo e não pensam nos encarregados de educação ou nos pais, que às vezes alguns têm diversas limitações, ou seja, eu acho que isso os fez crescer e conhecer um bocadinho mais como é que na realidade é a vida”</p> <p>E2: “ (...) eles levam isto mesmo à séria e ficam muito motivados. Eu acho que é bom, porque eu acho que lhes transmite segurança, confiança, acho que os ajuda a perceber que podem sonhar, porque as coisas podem não ser só sonhos”</p>

<p>Escola do Conservatório de Música da Covilhã</p>	<p>“Projeto da Troca Circular”</p>	<p>E1: <i>“eu não estive presente, mas esta atividade foi ótima. O facto de eles estarem a vender, eles estavam super entusiasmados e motivados. Eu acho que foi maravilhoso (...) eles estavam muito bem e foi uma atividade muito interessante”</i></p> <p>E2: <i>“Os miúdos andaram empolgadíssimos e eu acho que eles levaram mesmo isto à séria. Foi muito bom. Eles estiveram muito bem, estavam uns autênticos empreendedores. Eles tentaram ali vender os produtos deles e aliciar as pessoas”</i></p>
--	------------------------------------	--

Anexos

Anexo 1

Conceitos abordados na disciplina de Educação Financeira

 **Conservatório de Música de Covilhã**

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

ANO LETIVO
2021/2022

Nome: _____

1. Eu posso dizer que minha casa vale 1M€. Mas pus a venda durante 6 meses e só me davam 750 mil €. Quais os conceitos que estudamos e estão aqui em causa?

Os conceitos de VALOR e PREÇO. Nem sempre o valor que atribuímos a um bem (subjetivo) é reconhecido por todos no mercado (objetivo)

2. A riqueza de uma família é a soma dos rendimentos que são recebidos por ano pelos seus membros. Verdade ou Falso? Justifica

Falso. Aos rendimentos que se receberam temos de deduzir os gastos com as compras realizadas e o pagamento de impostos devidos ao Estado

3. Mais do que aquilo que se ganha, o importante é com quanto se fica depois dos Impostos pagos. Verdade ou Falso? Justifica.


Verdade. Porque a parte que temos de pagar ao Estado para que se possam fazer despesas públicas (estradas, pontes, iluminação, escolas, hospitais, etc.) não somos nós a decidir diretamente como devem ser gastas.

4. Uma família organizada deve seguir os princípios da economia circular. Concordas? Justifica.

Hoje somos levados a concordar. Para além do que se produz é muito importante o como se distribui o que se produz. Para além disso, a ciência tem demonstrado que os recursos naturais têm sido gastos em quantidades excessivas, havendo o perigo de alguns deles desaparecerem ou se tornarem demasiado dispendiosos. Por isso existe um apelo mundial para a poupança e reciclagem dos materiais, usando-os tantas vezes quantas as possíveis, em vez de fabricá-los de novo.

5. Se quiser vender alguns bens que possuo, posso encontrar um comprador direto ou colocá-lo em leilão. Onde tenho hipótese de ganhar mais? Porquê?

Num leilão, há mais hipóteses de aparecerem os "chamados" compradores excecionais. Serão aqueles que, tendo mais dinheiro, podem fazer elevar o preço que está a ser pedido de início (licitação).

CRM.C.ORG.011.0  **REPÚBLICA PORTUGUESA** Página | 1

6. Tenho 1000€ de salário mensal, que recebo por 12 meses e mais dois de subsídio (14 meses).
Gasto em bens de consumo com IVA a 23%, 5000€/ano.
Pago 15% sobre o que me sobra desses gastos.
Quanto me fica de poupança?

Contas a fazer:

Cálculo das receitas anuais:

$(1.000€ \times 12 = 12.000€)$ mais $(2 \times 1.000€ = 2.000€)$ totalizam 14.000€

Gastos anuais:

5.000€ (IVA incluído)

Pagamentos obrigatórios ao Estado:

15% x do que sobrou

Ora se recebi 14.000€ e gastei 5.000€

Serão 15% de 9.000€

Ou seja: $0,15 \times 9.000 = 1.350€$ é o que tem de se pagar ao Estado

Em RESUMO

$14.000 - 5.000 - (0,15 \times 9.000) = 7.650€$